



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS IV – JACOBINA / COLEGIADO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

GRACIETE ADELAIDE DE MIRANDA
MAYLA FABIANA ALCANTARA SILVA

A ESPACIALIDADE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO
NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NA CIDADE DE MIGUEL CALMON-BA

**GRACIETE ADELAIDE DE MIRANDA
MAYLA FABIANA ALCANTARA SILVA**

**A ESPACIALIDADE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO
NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NA CIDADE DE MIGUEL CALMON-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Professora Mestre Jacy Bandeira Almeida Nunes, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV-Jacobina, Colegiado de Geografia.

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV – JACOBINA / COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**GRACIETE ADELAIDE DE MIRANDA
MAYLA FABIANA ALCANTARA SILVA**

**A ESPACIALIDADE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO
NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NA CIDADE DE MIGUEL CALMON-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado em: ____/____/____ como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia, pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Colegiado de Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Jacy Bandeira Almeida Nunes (Orientadora) Mestre/UNEB/DCH-Jacobina

José Alves de Jesus (Avaliador) Mestre/UNEB/DCH-Jacobina

Miriam Geonisse de Miranda Guerra (Avaliadora) Especialista/UNEB/DCH-Jacobina

JACOBINA/BAHIA
2012

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus Pai todo poderoso pela perseverança, coragem e força para prosseguir e alcançar com sucesso a realização desse trabalho.

Aos nossos países: Reinaldo e Maridete, Jaime e Faraildes (in memorian) por todo incentivo e apoio sempre que necessário.

Aos nossos irmãos, familiares e amigos por ter nos apoiado nos momentos de dificuldades.

Aos colegas de curso pelo companheirismo e auxílio em todos os momentos.

Aos professores que contribuíram de forma direta e indireta durante todo o nosso percurso acadêmico, assim como na realização da obra.

Aos moradores dos bairros entrevistados e ao poder público da cidade de Miguel Calmon pelo fornecimento de dados que foram de extrema importância para a realização da pesquisa.

De forma muito especial, a nossa orientadora, Jacy Bandeira, pelas pacientes e criteriosas reflexões e sugestões efetuadas durante o desenvolvimento deste trabalho e pela disposição e dedicação, demonstradas em todo o processo.

Aos demais que contribuíram de forma direta e indireta para efetivação dessa pesquisa.

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende”.

Leonardo da Vinci

RESUMO

Algumas pequenas e médias cidades do Brasil vêm ganhando destaque em seus cenários espaciais, é nesse intuito que o objeto da presente pesquisa se refere à Espacialidade do desenvolvimento socioeconômico nos últimos dez anos na sede de Miguel Calmon. Os Objetivos desse estudo foram: historicizar e conceituar o que é Espacialidade; conhecer e reconhecer os indicadores responsáveis pelo desenvolvimento socioespacial e econômico de Miguel Calmon; identificar os fenômenos e as explicações para tal desenvolvimento; analisar a correlação entre crescimento socioeconômico e a construção da espacialidade. A inquietação referente a problemática despertou a necessidade de contribuir cientificamente para a construção do conhecimento sobre esse desenvolvimento ocorrido na última década, pois a atual sede em meados dos anos 2000 presenciou o início de novas configurações em seu território. O enfoque da pesquisa foi quantitativo utilizando o qualitativo como auxiliar na elucidação dos dados obtidos. Os procedimentos realizados nesse trabalho foram pesquisa bibliográfica, e a pesquisa de campo, na qual foi utilizada os questionários socioeconômicos com a população dos cinco maiores bairros da cidade, as entrevistas com o poder público, os dados do SEI, do censo 2000 a 2010 e da Prefeitura Municipal. Os resultados mostram que Miguel Calmon alcançou patamares significativos em temas de saúde, saneamento básico e infraestrutura. Todos os moradores possuem água tratada, energia elétrica e coleta dos resíduos orgânicos, a maioria moram em casa própria. Porém, o tratamento da rede de esgoto é inexistente, sendo que o mesmo é jogado na lagoa da cidade. A maioria trabalha na agricultura e o nível escolar se restringe às séries iniciais do ensino fundamental. Em termos de desenvolvimento socioeconômico, observou-se que é incipiente, e que a melhora nas condições de vida da população é consequência dos programas sociais fornecidos pelos governos federais e estaduais em parceria com a Prefeitura Municipal.

Palavras chave: Espacialidades, desenvolvimento socioeconômico e materialidades.

ABSTRACT

Some small and medium sized cities in Brazil have been gaining prominence in their scenarios for Space, spatial order that is the object of this research refers to Spatiality of socioeconomic development in the last ten years at the headquarters of Miguel Calmon. The Goals this study were: historicize and conceptualize what is Spatiality; Know and recognize the indicators responsible for developing socioeconomic of Miguel Calmon; identify the phenomenon and the explanations for this development; analyze the correlation between socioeconomic growth and the construction of spatiality. The issues raised concern regarding the need to contribute to the construction of scientific knowledge about this development occurred in the decade. Because the current headquarters in the mid-2000s witnessed the beginning of new configurations in its territory. The focus of research is using qualitative and quantitative aid in the elucidation of the date. The procedures were performed in this work Bibliographical Research and fieldwork, in which the socioeconomic questionnaire was used with the population of the five largest districts of the city, interviews with government. , Data from the SEI, the census from 2000 to 2010 and the City hall. The results show that Miguel Calmon reached significant levels in terms of health, sanitation and infrastructure. All residents have clean water, electricity and collection of organic waste, the majority live in home own. However, treatment of the sewage system is nonexistent, and the same is played in the lagoon city. Most work in agriculture and the school level is limited to the first grades of elementary school. In terms of socioeconomic development, it was observed. Which is in its infancy, and that the improvement in living conditions of the population is a consequence of social programs provided by federal and state governments in partnership with the Municipality Prefecture.

Key Words: Spatialities, socioeconomic development and materialities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de Miguel Calmon (Ba)-Posicionamento e Articulação Viária.....	25
Figura 2: Vista parcial da cidade de Miguel Calmon.....	28
Figura 3: Hospital Padre Paulo Felber.....	29
Figura 4: Mosaico do Parque Estadual das Sete Passagens.....	31
Figura 5: Festa do São João.....	35
Figura 6: Foto da divisão de Bairros.....	39
Gráfico 1: Tipo de habitação.....	40
Gráfico 2: Tipo de atividade econômica que exerce.....	41
Gráfico 3: Tipo de atividade econômica exercida.....	43
Gráfico 4: Atividade econômica exercida.....	45
Gráfico 5: Nível de escolaridade dos moradores.....	45
Gráfico 6: Número de filhos.....	46
Gráfico 7: Atividade econômica exercida.....	47
Gráfico 8: Etnia da população.....	48
Gráfico 9: O destino do lixo domiciliar.....	49
Gráfico 10: Nível de Escolaridade.....	50
Gráfico 11: Escoadouro do banheiro das residências.....	51
Gráfico 12: Renda das famílias entrevistadas.....	51
Figura 7: Vista aérea da Praça Redonda.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nível de Escolaridade.....	42
Tabela 2: Número populacional.....	57
Tabela 3: Índice de natalidade, mortalidade e nupcialidade.....	57
Tabela 4: Taxa de analfabetismo.....	58
Tabela 5: Número de alunos matriculados no ensino fundamental e médio.....	59
Tabela 6: Números de produtos agropecuários.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO, APROPRIAÇÃO E USO DOS ESPAÇOS.....	14
1.1 CONFIGURAÇÕES NECESSÁRIAS PARA O ESTABELECIMENTO DE DISTINTAS ESPACIALIDADES.....	14
1.2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: A DINÂMICA DAS CIDADES E SEU PLANEJAMENTO.....	18
1.3 EM BUSCA DO ENTENDIMENTO DE PEQUENAS E MÉDIAS CIDADES.....	21
2. PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MIGUEL CALMON	25
2.1 SAÚDE.....	29
2.2 EDUCAÇÃO.....	30
2.3 TURISMO.....	30
2.4 PROJETOS EM ATIVIDADE.....	32
2.5 FESTIVIDADES.....	34
2.6 PLANO DIRETOR.....	36
3. ESTRUTURA ESPACIAL E SOCIOECONÔMICA DE MIGUEL CALMON: ANÁLISES, REFLEXÕES E VIVÊNCIA DOS MORADORES.....	39
3.1 O PERCURSO METODOLÓGICO.....	40
3.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS.....	40
3.3 ANÁLISE E VIVENCIA DOS MORADORES.....	42
3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM O PODER PÚBLICO QUANTO AS MUDANÇAS DE MIGUEL CALMON.....	52
3.5 INFERÊNCIAS E INDICADORES SOCIAIS DE MIGUEL CALMON.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXOS.....	66

Introdução

Desde quando o homem começou a viver em grandes comunidades, alterou e alteram os espaços naturais, como forma de assegurar a própria sobrevivência e obter, de certa forma, conforto e qualidade de vida. A agricultura, a pecuária, e principalmente o processo de urbanização, ou seja, as inúmeras ações humanas modificam diretamente o espaço natural, transformando os mesmos e deixando marcas que ao longo do tempo se desenvolvem e modificam as estruturas existentes em função da tecnologia disponível e apropriação de novos espaços. Os mesmos são submetidos às novas técnicas que promovem mudanças tanto nas formas naturais como no próprio modo de vida das pessoas.

O desenvolvimento industrial, econômico e tecnológico do país são formas e aspectos que com o passar do tempo contribuíram para novas configurações espaciais. Diante de todas as mudanças ocorridas no processo de urbanização e desenvolvimento no qual o país se encontra, ainda que de maneira desigual e heterogênea, percebe-se inúmeras transformações em todo o território, não só nas grandes metrópoles, mas também nas médias e pequenas cidades. Fato cada vez mais crescente em decorrência, principalmente, da procura por maiores oportunidades e melhores condições de vida. Ainda que o Brasil seja conhecido pelas suas grandes cidades, há esta outra face do urbano brasileiro, também notável, que diz respeito às pequenas cidades. Essas localidades abrigam significativa parte da população brasileira e constituem numerosos pontos de suporte territorial por todo o país.

Nessa perspectiva percebemos que nos últimos anos vem crescendo dentro da Geografia Urbana o interesse pelos estudos sobre as pequenas cidades, uma dimensão escalar do urbano que por muito tempo foi deixada de lado. No momento, há a necessidade de se criar critérios para que se possa definir o que é uma pequena cidade e o desenvolvimento ocorrido nas mesmas ao longo do tempo. Tal investigação exige um estudo minucioso, na tentativa de buscar soluções e respostas para muitas perguntas ainda inexplicáveis quanto ao plano de abrangência do desenvolvimento, e, em que proporções tais fenômenos contribuem para uma melhor condição de vida da população que está inserida nesse contexto e nos espaços modificados.

Assim, cria-se a necessidade de discutir tal fenômeno ocorrido nos últimos tempos, dando ênfase às cidades de pequeno porte, com destaque para a sede do município de Miguel Calmon, que está na Chapada do Norte Baiano, a 360 km de Salvador. Sua gênese se deu

através do trabalho livre e da força imigrante, essa que consolida a história do município de Miguel Calmon (antiga fazenda Canabrava).

A atual sede do município de Miguel Calmon, em meados dos anos 2000, presenciou o início de novas configurações espaciais em seu território. A cidade começou a passar por um processo de desenvolvimento de novos espaços e um significativo crescimento populacional. Dessa forma, a inquietação referente à problemática, despertou a necessidade de contribuir cientificamente para a construção do conhecimento sobre o desenvolvimento socioeconômico de Miguel Calmon, ocorrido na última década, e os aspectos relevantes desse processo na construção da espacialidade local.

Em função dessa realidade tornam-se importante, compreender as questões que envolvem a espacialidade e o desenvolvimento socioeconômico no contexto da cidade de Miguel Calmon; historicizar e conceituar o que é Espacialidade; Conhecer e reconhecer os indicadores responsáveis pelo desenvolvimento socioespacial e econômico de Miguel Calmon; identificar os fenômenos e as explicações para tal desenvolvimento; identificar a correlação entre desenvolvimento socioeconômico e a construção da espacialidade. Para tanto, houve a necessidade de abordar tal temática, com o intuito de investigar quem são os causadores do crescimento espacial, os principais motivos para esse crescimento, e os reflexos na vida da população da cidade.

Sendo assim, a pesquisa sobre: como o desenvolvimento socioeconômico que ocorreu nos últimos dez anos inflexionou na espacialidade da cidade de Miguel Calmon. Teve como método, o dialético que possibilitou uma melhor compreensão e análise sobre os processos de transformação ocorridos.

Desenvolveu-se um estudo exploratório utilizando procedimentos diversos como: levantamento Bibliográfico que deu suporte ao entendimento do processo de construção espacial e desenvolvimento social e econômico, além de proporcionar a compreensão teórica da pesquisa e entender os conceitos e categorias envolvidas. Pesquisa documental, buscar na rede mundial de computadores (internet), dados estatísticos, registros fotográficos, observações em campo, entrevistas e aplicação de questionários que auxiliaram na compreensão dos acontecimentos vividos pelos moradores calmonenses.

O local da pesquisa foi a cidade de Miguel Calmon, Bahia, mais especificamente os bairros mais modificados ao longo de uma década, e os sujeitos investigados foram os moradores dos mesmos, através de questionários. Também foram feitas entrevistas com autoridades do poder público, além de colhidas às impressões expressas voluntariamente

pelos entrevistados. O tratamento dos dados foi Quantitativo e Qualitativo, proporcionando um maior nível de informações e possibilitando o enriquecimento da pesquisa.

O trabalho foi organizado em três capítulos, o primeiro aborda as transformações realizadas pela ação, uso e apropriação dos espaços, uma vez que, ao longo dos anos, os homens têm agido de forma desordenada, na modificação dos mesmos, no intuito de manter o processo de urbanização. Por outro lado, podemos citar as pequenas e médias cidades, assunto esse, que ganhou maior destaque nas produções acadêmicas, há pouco tempo, devido ao seus destaques econômicos nos últimos anos. E justamente por se destacarem é que cresce o interesse por pesquisas em relação a estas cidades e surge a necessidade de conhecer suas particularidades e singularidades, incluindo sua localização geográfica, seu desenvolvimento espacial, seu índice populacional, dentre outros. No segundo capítulo trata da origem, crescimento e mudanças ocorridas ao longo do processo de emancipação da cidade de Miguel Calmon. No terceiro capítulo apresenta as inferências entre a pesquisa teórica e a os resultados obtidos na pesquisa de campo. Comprovando através de fatos, entrevistas e questionários que o desenvolvimento socioespacial das cidades é consequência de inúmeros fatores, que ao longo do tempo evoluem e buscam atender as necessidades específicas de grupos que almejam o desenvolvimento de determinados locais.

1 Desenvolvimento socioeconômico, apropriação e uso dos espaços

1.1 Configurações necessárias para o estabelecimento de distintas espacialidades

A sociedade atual segue um intenso processo de ocupação, adaptação e apropriação dos espaços, fortemente influenciados pela urbanização, desenvolvimento tecnológico, crescimento demográfico, industrialização e outros. Observando toda esta metamorfose espacial e tentando compreender os processos que a envolve, este trabalho abordará os principais fatores que contribuem para apropriação e uso dos espaços, as ações e contribuições do capitalismo nesse processo, as várias espacialidades surgidas ao longo do tempo, o desenvolvimento econômico das pequenas e médias cidades, assim como, o plano diretor, os fatores e indicadores socioeconômicos como importantes ferramentas de análises nos processos evolutivos das espacialidades urbanas.

As transformações ocorridas pela ação da sociedade humana, resultam na formação dos espaços, pois, os mesmos nascem da ação do homem sobre as áreas que os constituem. O espaço geográfico, segundo Santos (1988), “é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos naturais e artificiais”. Assim, no momento em que o homem conquista e configura o seu lugar no espaço geográfico, começa-se uma ação transformadora desse local e conseqüentemente, sempre aparecerá à necessidade de novas mudanças, visando objetivos diversos e resultando no surgimento de novas configurações espaciais, pois o homem como parte integrante do meio, constantemente tem procurado melhorias de vida e se apropriado do meio natural. Outro fato relevante é o crescimento populacional. O seu conseqüente consumismo realiza uma exploração exagerada, transformando os espaços naturais, e contribuindo com o surgimento de novos espaços com contribuições e funcionalidades diversas.

A partir dessa realidade, percebe-se a necessidade de investigar as transformações realizadas pela ação, o uso e a apropriação dos espaços, uma vez que ao longo do tempo, o homem tem agido de forma desordenada na modificação dos mesmos, no intuito de manter o progresso e o desenvolvimento dos lugares. O lugar, também sendo uma categoria geográfica, é carregado de valores e cultura, onde uma determinada população se identifica e desperta sentimentos, interesses de ordens diversas: econômicos, sociais, políticos, entre outros. Para Tuan (1983) “O espaço transforma-se em lugar á medida que adquire definição e significados”. Tais significados se manifestam nas formas estruturadas e estabelecidas nas novas apropriações.

As mudanças globais das cidades contemporâneas geraram uma nova atitude na compreensão do espaço. A transformação da sua estrutura econômica e social, a sua organização espacial e configuração, deram origem a modificação de espaços existentes e a produção de novas espacialidades. Importa refletir igualmente sobre apropriação e utilização do espaço, tanto no nível material como no simbólico. Analisar o conceito de apropriação vai ao sentido de entender a sua estruturação na evolução da sociedade, assim como seu significado em face de novos processos de urbanização e desenvolvimento dos espaços.

Nessa perspectiva o valor atribuído a uma localidade pode variar ao longo do tempo. Razões de ordem econômica, política ou cultural podem alterar a sua importância e sua forma, além de promover inúmeras transformações, inclusive no âmbito social. Sendo assim, e analisando as organizações espaciais em que o mundo está organizado, a noção de espacialidade e sua distinção de outros espaços, contribui para o surgimento de outras vertentes, uma vez que, Marx (citado por CORRÊA, 1989) considera o espaço como um contexto físico, a soma dos locais de produção e reprodução. Corrêa (1989) também afirma que “o espaço urbano e capitalista, é fragmentado e articulado, cheios de símbolos e campos de lutas, resultado de ações acumuladas através do tempo, mantidas por agentes que produzem e consomem espaço”.

Por essa vertente a espacialidade é entendida como aparências objetivas e capazes de estimular, reflexões e produção de novos espaços. Seguindo essa perspectiva, exclui-se a questão da espacialidade socialmente construída. Assim, Soja (1993, p.147) aborda que:

Como espaço socialmente produzido, a espacialidade pode ser distinguida do espaço físico da natureza material e do espaço mental da cognição e da representação, cada um dos quais é usado e incorporado na construção social da espacialidade, mas não pode ser conceituado como seu equivalente. Dentro de certos limites (que são freqüentemente desconsiderados), os processos e formas físicos e psicológicos podem ser independentemente teorizados no que concerne a suas dimensões e atributos espaciais.

Nessa perspectiva, o autor aborda que espacialidade não pode ser separada dos espaços psicológicos, desligando a questão do físico e mental, e aborda novas interpretações da materialidade do espaço, do ser, etc.

Em seus contextos interpretativos apropriado tanto o espaço material da natureza física quanto o espaço ideativo da natureza humana têm que ser vistos como socialmente produzidos e reproduzidos. Cada um deles precisa ser teorizado e compreendido, portanto, como sendo, ontológico e epistemologicamente, parte da espacialidade da vida social. (SOJA, 1993, p.153)

Sendo assim, a espacialidade existe, como um produto de um processo de transformação que continua aberto e sujeita as mudanças e adições, nos contextos da vida ela é resultado de adições. “A espacialidade é um momento, é funcional, é mutável, circunstancial produto de uma mudança estrutural ou funcional. A espacialização é sempre o presente, um presente fugindo”. (SANTOS, 1988, p.73).

A espacialidade é construída através da relação entre os seres numa sociedade, ou seja, ela é construída no meio social, sendo que ela não é algo imposto ou determinado, podendo ser invertida ou mudada. A espacialidade cria uma relação entre objetos, formas e pensamentos, é nessa relação que se cria a construção do espaço físico, onde a própria espacialidade se torna um produto do social. Nessa perspectiva, Soja (1993, p.155) afirma que:

A produção da espacialidade, em conjunto com a construção da história, pode ser descrita como o meio e o resultado, a pressuposição e a encarnação da ação e do relacionamento social, da própria sociedade. As estruturas sociais e espaciais estão dialeticamente entrelaçadas na vida social, e não apenas mapeadas uma na outra como projeções categóricas. E dessa ligação vital provém a pedra angular teórica da interpretação materialista da espacialidade, o reconhecimento de que a vida social é materialmente constituída em sua geografia histórica, de que as estruturas e as relações espaciais são as manifestações concretas das estruturas e relações sociais que evoluem no tempo, seja qual for o modo de produção.

A espacialidade como parte do social, desconstrói a noção de materialidade do espaço, do tempo e do ser construído no âmbito do social. Nessa perspectiva, podemos dizer que a espacialidade é socialmente construída na relação entre os indivíduos e os grupos. Por outro lado a ela pode ser considerada um produto do processo de transformação do espaço, podendo agir na transformação da vida material.

Dentre alguns fenômenos responsáveis pelo desenvolvimento da espacialidade citamos a Nupcialidade, a Fecundidade, a Mortalidade, e as Migrações. A Nupcialidade segundo Santos (1991) é o fenômeno que envolve todos os outros na formação e desenvolvimento das famílias e construção da união entre os casais.

Não é muito difícil inferir o interesse de tais variáveis para o entendimento da dinâmica populacional. Afinal trata-se dos fenômenos sociais que constituem o marco no qual a fecundidade humana se inicia e se desenvolve, e que criam condições mais ou menos propícias para a sua intensificação. Com efeito, é a evolução dessas variáveis que conduz a diferentes composições da população por faixa etária e estado civil, repercutindo mais direta e intensamente sobre a fecundidade, e indiretamente sobre as migrações e sobre a mortalidade. (MADEIRA, 1991, p. 159).

A Nupcialidade é uma das formas mais antiga e eficaz no controle populacional e social, sendo reconhecida como tal apenas há pouco tempo, sendo controlada através da intensidade das uniões, a idade de casar, dentre outros. A Fecundidade é caracterizada através do tempo, onde torna necessária a substituição física dos membros através da capacidade procriativa do ser humano. Mas esse fato, não faz da fecundidade independente dos outros fenômenos. A mortalidade é caracterizada como a morte de seres humanos no decorrer do tempo. “A hipótese central é de que a redução na mortalidade conduz a uma redução correspondente na fecundidade”. (SAWYER, 1991). E as migrações são definidas através do deslocamento da população, e não está diretamente ligada aos outros fenômenos.

Em seu livro Espaço-Tempo na Metrópole, Carlos (2001) oferece importante contribuição para um entendimento do processo de construção da espacialidade nas cidades, abordando que é preciso entender que em sua forma ao longo do tempo, vários fatores influenciaram na produção e reprodução da vida humana e nos processos de mudanças pelos quais o espaço sofre ao longo do tempo. Nesse sentido, a frase de Baudelaire (apud FANINI, s/d) ganha uma importante referência e instiga uma análise mais profunda a cerca das mudanças ocorridas nas idades, “a forma de uma cidade muda mais rápido que o coração de um mortal”. Assim, a espacialidade urbana é resultado de muitas ações e se apresentam em constantes metamorfoses que conseqüentemente remetem novas formas, pois o processo de mudanças e evoluções é marcado por movimentos e mutações, fatores importantes e que exemplificam a efêmera vida da espacialidade, uma vez que em todas as novas influências e novas transformações ela ganha sentido e formas que se adequam ao tempo e aos agentes transformadores que aparecem criando novos sentidos e novos valores marcados por construções e reconstruções das espacialidades.

Aqui, o mundo humano é objetivo e povoado de objetos que ganham sentido à medida que a vida se desenvolve, como casa, a rua, a cidade, formando um conjunto múltiplo de significados. Estes, por sua vez, constituem o mundo de percepções sensível, carregado de significados afetivos ou representações que, por superarem o instante, são capazes de traduzir significados profundos sobre o modo como estas se construíram ao longo do tempo. O espaço do habitar é real e concreto; é aquele dos gestos do corpo, que constrói a memória, porque cria identidade, reconhecimento, já que a vida se realiza criando e delimitando percursos. (CARLOS, 2001, p.219)

É necessário afirmar que tais construções das espacialidades são marcadas por gestos e forças que ao criar e se apropriar, organiza e determina limitações, e ao mesmo tempo, abre possibilidades e perspectivas de vida que será construída.

1.2 A produção do Espaço Urbano: A dinâmica das cidades e seu planejamento

A política de ocupação do espaço urbano é um tema bem complexo e exige alguns cuidados na execução dos planos de desenvolvimento que vão nortear tais espaços. A partir de tais necessidades criou-se o Plano Diretor, definido pela Constituição Federal de 1988, como instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana. Foi a primeira vez que a Constituição incluiu um capítulo específico sobre política urbana, regulamentado pela lei 10.257/01, conhecida como Estatuto da Cidade, prevê uma série de instrumentos para a garantia, no âmbito de cada município, do direito à cidade, da defesa da função social. A Constituição Federal em seu art. 182, 1º determina que o Plano Diretor deva ser objeto de lei, sendo obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, o mesmo torna-se ainda mais relevantes nos tempos em que o “desenvolvimento sustentável” protagoniza as discussões acerca do que está por vir nas cidades brasileiras. Sendo assim, é imprescindível relatarmos sobre a importância do Plano Diretor para o planejamento das cidades.

Ele é o instrumento básico da política de desenvolvimento dos municípios, uma vez que orienta a atuação do poder público e da iniciativa privada na construção dos espaços urbano e rural na oferta dos serviços públicos, visando melhores condições de vida para a população, além de buscar meios para garantir e incentivar a participação popular na gestão do município, rumos para um desenvolvimento local economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente equilibrado. Atuando ainda na melhoria da qualidade da gestão pública local, tornando-a mais apta a utilizar os recursos públicos e a prestar melhores serviços à população, apresentando diretrizes e instrumentos para que os investimentos em saneamento, transporte coletivo, saúde, educação, equipamentos urbanos, habitação popular sejam adequadamente distribuídos e beneficiem toda a população.

Sendo assim, é de extrema importância o planejamento dos espaços, sobretudo os urbanos, já que os mesmos a cada dia aumentam e ganham novas configurações. É nesse sentido, que reforçamos a importância do combate aos problemas relacionados ao direito à terra urbana, infra-estrutura e moradia. Para isso, Plano Diretor e o Estatuto da Cidade trazem o princípio de função social da propriedade urbana, onde o direito de propriedade sobre determinada área municipal estará condicionado ao cumprimento de sua função social.

Dessa forma, a apropriação dos espaços e as várias espacialidades existentes, nos proporcionam uma maior investigação quanto ao processo de construção, desenvolvimento e expansão das cidades.

A análise do processo de produção dos espaços, principalmente o urbano, requer a investigação de vários níveis da realidade, momentos diferenciados da reprodução geral da sociedade, como da dominação política, da acumulação do capital e da realização da vida.

Nesse sentido, Gomes (2002), comenta que a cidade não deve ser vista apenas como uma forma que se produz simplesmente pela quantidade das moradias ou pelo simples adensamento de população; ela deve ser vista, antes de qualquer coisa, como um tipo de associação entre as pessoas, associação esta que é uma forma física e um conteúdo. Numa cidade o que se leva em consideração não é apenas o seu aspecto físico e espacial, se faz necessário também uma análise das pessoas e do conteúdo existente naquele contexto e a forma de vida das mesmas.

Nessa perspectiva, é interessante abordarmos os desafios e problemas enfrentados pelas cidades, uma vez que, junto com o desenvolvimento surgem a necessidade de resolver temas relacionados a miséria, tráficos, saneamento básico, infraestrutura, ingovernabilidade e principalmente exclusão social. Tais problemas são históricos e frequentes que necessitam uma atenção acentuada no sentido de assegurar uma melhor organização do espaço. Conforme Carlos e Lemos (2003, p. 32)

No país as conquistas da modernidade foram impostas pela supremacia do mercado criando uma falsa idéia de inclusão. No plano das desigualdades, a concentração de renda se destaca e, no espaço brasileiro, evidencia os mundos distintos dos ricos e remediados em contraponto as vastas e miseráveis extensões das periferias urbanas, além da pobreza rural.

Todo e qualquer espaço se transforma com o passar do tempo, seja através de mudanças antrópicas ou morfológicas, numa cidade a dinâmica social tem contribuição direta nesse processo, isso faz com que os objetos e as características no espaço mudem e evoluam, dessa forma, esses elementos buscam construir uma identidade comum e própria. Pois é essa identidade que vai demonstrar uma sensação conjunto, de uma natureza compartilhada e é isso que dá consistência e sentido a vida dentro dos espaços.

Na busca de sua identidade própria, o homem acaba por moldar o espaço de acordo as suas necessidades, nesse sentido, no decorrer do tempo, o espaço urbano passa por diversas modificações espaciais ou estruturais.

(...) Apesar das formas variadas de utilização, o uso dos espaços é um pressuposto da vida. E exatamente porque nem sempre as formas de uso foram as mesmas, é possível avaliar que muitas delas se consolidaram no decorrer da história humana, constituindo costumes e hábitos próprios dos diferentes povos e das condições naturais e históricas que viviam e vivem. O uso do espaço remete às profundas marcas que o homem imprime à natureza; remete, portanto, à produção da natureza humana. É evidente que esse raciocínio pode ser generalizado para outros objetos e instrumentos, que o homem produziu ao longo da sua história, mas o significado ímpar e abrangente do espaço pode também ser retratado. Através do espaço, a relação entre o homem e a natureza, como suposto da produção do homem, evidencia-se; o homem lido de forma simplesmente cultural ou existencial, perdendo sua naturalidade, fica mais comprometido. (DAMIANI, 2001, p. 48-49)

Como forma de apropriação do espaço e da necessidade dessa apropriação, temos as construções civis como uma demonstração da arquitetura e da expansão do urbanismo dentro desses espaços que passa a ser público, sendo, que a produção da cidade envolve não apenas a redefinição das casas, mas de toda a estrutura dentro do mesmo. Nesse sentido, Gomes (2002) argumenta que o espaço pode ser melhor definido como uma rede que permita uma comunicação entre conteúdos e tomada de decisões e de opiniões e a cidade não pode ser vista como uma cidade qualquer, mas que se defina como “uma associação de pessoas unidas por laços formais e hierárquicos; uma cidade que dispõe de lugares próprios e essa nova atividade e natureza que não advêm simplesmente do fato de habitar juntos”, pois as pessoas pensam e agem de forma diferente e isso faz com que haja uma diferenciação interna e externa dentro do mesmo espaço, o espaço pode ser considerado como parte do processo de reprodução social envolvendo o capital, o trabalho e o consumo, nesse sentido, o espaço urbano se transforma através das relações socioespaciais que ali existem.

Fato é que o processo de urbanização tem se processado de forma rápida e intensa. O urbano apresenta-se como expressão marcante da lógica do modo de produção. Nele o tempo é cronologicamente controlado. Os processos produtivos seguem ritmos artificializados. Tudo se apresenta cadenciado pelo intenso movimento das leis ditadas pelo capital. A reação de vida e trabalho são construídas sobre uma multiplicidade de formas e funções que se impõem a todo instante. A concretude dos acontecimentos se perfaz ao mesmo tempo que a mudança desmancha toda forma de solidez existente nas relações. O urbano é, portanto, o tempo em intenso movimento, a concretude em plena transformação, a expressão aparente (mais não única) do multifacetado modo de produção capitalista. (SPOSITO; WHITACKER, 2006, p. 96-97)

Podemos observar as diversas contradições existentes num determinado espaço, sendo que o capital atua no espaço reproduzindo a forma de trabalho, estabelecendo uma relação entre o objeto e o produto, criando uma relação de consumo. Estamos em uma sociedade capitalista, e nessa sociedade as mercadorias diferenciam-se entre si, pelo seu valor de uso. Nessa relação de valor, a mercadoria é transformada em dinheiro e o dinheiro em mercadoria,

dando início ao processo de circulação, o qual começa e termina tendo o dinheiro como objeto principal, visando, na maioria das vezes, à acumulação.

A teoria de Marx do crescimento sobre o capitalismo situa a acumulação de capital no centro das coisas. A acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, muito dinâmico e inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos. (HARVEY, 2006, p.43).

A verdadeira intenção do capital é o crescimento, e o consumismo se apresenta nesse meio dando impulso ao desenvolvimento dentro do espaço, quanto maior o consumo, maior se torna as formas de apropriação e a acumulação, independente de como isso aconteça, o capital procura a expansão mesmo que desenfreada, esse é o real movimento do mundo capitalista, fato que se torna necessário a essas mudanças.

1.3 Em busca do entendimento de Pequenas e médias cidades

O processo de urbanização das cidades brasileiras não é um acontecimento homogêneo e se propaga com diferentes intensidades. A denominação das mesmas em: grande, média e pequena, exige análises dos aspectos econômico, sociais e políticos, para que se chegue a uma denominação apropriada. Nesse sentido, é interessante abordar as pequenas e médias cidades, uma vez que, o estudo e o interesse pelas mesmas vêm crescendo a cada dia.

Nos últimos anos vem crescendo o interesse pelos estudos sobre as pequenas cidades, uma dimensão escalar do urbano que por muito tempo foi negligenciada. No momento, a criação de critérios para que se possa definir o que é uma pequena cidade chega tornar-se polêmica, e a falta de consenso persiste. O debate, entretanto, é necessário para que se possa avançar na temática. (LEÃO, 2010.p. 136,)

O Brasil apresenta um grande número de pequenas cidades, segundo o IBGE (apud LEÃO) “no ano de 2001 existiam 5.507 cidades das quais 4.980 possuíam em sua área municipal até 50.000 habitantes”, elas apresentam diferentes características dependendo do contexto regional em que estão inseridas, aumentando ainda mais a complexidade destes espaços e a necessidade de compreendê-los.

Verifica-se que muitas dessas cidades têm passado por processos que as levam a perder papéis e centralidade, e se tornam, muitas vezes, como moradia para as reservas de trabalho; já em outros casos, com menor incidência, vemos que algumas dessas pequenas cidades conseguem incorporar papéis, e certo dinamismo, polarizando cidades menores no seu

entorno; neste sentido, torna-se relevante, a discussão sobre a urbanização, em especial das pequenas e médias cidades.

A urbanização é um processo intrínseco às transformações econômicas, políticas e técnicas da sociedade como um todo. Em cada país ou região, este fenômeno se expressa de forma particular, visto que a configuração mundial se mescla com as particularidades históricas, naturais, políticas e culturais.(GOMES, 2002.p. 166,)

Sendo assim, com o processo de urbanização brasileiro, as disparidades, as desigualdades e também as concentrações espaciais ganharam maiores proporções, fato que despertou um maior interesse pela análise das redes e hierarquias urbanas, bem como, pelo processo de metropolização. Surge, assim, a necessidade de desvendar as contradições do espaço urbano brasileiro, envolvendo desde as grandes metrópoles, como as médias e pequenas cidades.

É interessante destacar que, para as cidades médias e pequenas, mais do que a classificação populacional em média ou pequena (que apenas as definiria como cidades de porte médio ou de pequeno), cabe o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e formas. “Segundo Leão (2010) são chamadas “cidades de porte médio” aquelas que têm entre 50 mil e 500 mil habitantes”, porém, não se pode conceituar essas cidades como médias apenas empregando o elemento demográfico. Deve-se levar em conta também, o contexto regional em que ela está inserida e o nível de centralidade que possui. Ainda segundo a autora são consideradas cidades pequenas as que têm um número inferior a 50 mil habitantes.

A população de uma cidade, como critério preponderante e isolado, não apresenta, nos novos estudos, consistência na definição do papel de uma cidade e as funções que ela desempenha na rede urbana na intermediação regional. A leitura e a análise de uma cidade média, bem como de uma pequena, devem estar articuladas em diferentes escalas de análise, a partir de combinações particulares entre o tamanho demográfico, as funções e usos urbanos, entre outras características, que as colocam em diferentes papéis e posições/situações. Acrescenta-se a essa idéia de cidades médias e pequenas, as modificações na morfologia das próprias cidades, as quais recebem formas, objetos, conteúdos e problemas como: violência, drogas. (LIMA, s/d)

O esforço em se superar as nomenclaturas tem sido realizado, entretanto, ainda não se pode apontar outra denominação que caminhe para um conceito que defina as mesmas, analisando apenas alguns pontos específicos. A intermediação é uma das características do

que se pode entender como cidade média; é a forte relação entre campo e cidade, que se torna evidente na cidade média e que se revela como característica intrínseca da cidade pequena.

Dessa forma, a noção de cidade média corresponde as cidades que apresentam uma concentração e centralização econômica expressiva, provocadas pela confluência do sistema de transporte, podendo ser reconfigurada pela incorporação de novas atividades do setor econômico que, por sua vez, redefinem a indústria, o comércio e os serviços. Na realidade urbana brasileira, as cidades consideradas médias, embora apresentem similaridades, revelam diferenças tanto em sua estrutura como em sua dinâmica, e essas particularidades e diferenças entre as cidades pequenas, médias, e grandes permitem uma análise detalhada sobre o processo de formação das mesmas, e sobre os agentes transformadores de tais espaços.

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não é o resultado da “mão invisível do mercado”, nem de um estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade (CARLOS, et al, 2011, p. 43)

Nesse sentido, percebe-se que os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial. A materialidade desse processo assume formas bastante complexas, abrange cidades globais e várias metrópoles de importância nacional, mas também muitos centros de atuação regional/microrregional e núcleos de pequena centralidade que são referências para as ligações com o mundo urbano mais complexo. Além disso, os produtos, as normas e as técnicas produzidas na dinâmica econômica urbana chegam também ao campo e fazem parte dos processos produtivos e do cotidiano das pessoas.

O campo e os pequenos municípios brasileiros, em sua grande maioria, participam de forma direta ou indireta da economia, mas não possuem base econômica agrícola ou industrial que lhes favoreça na geração de emprego e renda própria para reduzir sua dependência dos maiores centros. Outro fato interessante das pequenas cidades, é a funcionalidade das aposentadorias, é através da conta dos aposentados e pensionistas, ou das transferências de receitas governamentais constitucionais, basicamente do Fundo de Participação Municipal que propiciam a circulação monetária e garantem o funcionamento do pequeno comércio existente.

Enquanto que, as médias cidades exercem um importante papel na rede urbana das pequenas, uma vez que centralizam os principais serviços médicos e educacionais, além de prover a população interiorana dos produtos necessários, bem como daqueles mais

diversificados, industrializados em áreas distantes e que reproduzem o mercado global. Destaca-se também que, nestas cidades, encontram-se representações de estabelecimentos comerciais de rede nacional e internacional.

De fato, cada cidade se apresenta com características próprias e isto vem se tornando mais evidente principalmente nas regiões que absorvem maior incremento das novas técnicas, informações etc. Mas há também um grande número de cidades que pouco apresentam inovações e, muitas são incapazes de suprir a população do próprio município com a oferta de serviços e produtos necessários. Muitos autores afirmam que estes núcleos estariam mais próximos da categoria “povoados” do que “cidade”. Percebe-se que o esforço em se superar tais nomenclaturas, em cidades pequenas e médias, tem sido realizado, entretanto, ainda não se pode apontar para outra denominação que caminhe para um conceito específico e em virtude de um único aspecto que envolva um espaço. As características sociais, econômicas e políticas possuem um papel primordial e são critérios de extrema importância para defini-las como média e pequenas.

2 -Processo histórico de ocupação e emancipação do município de Miguel Calmon

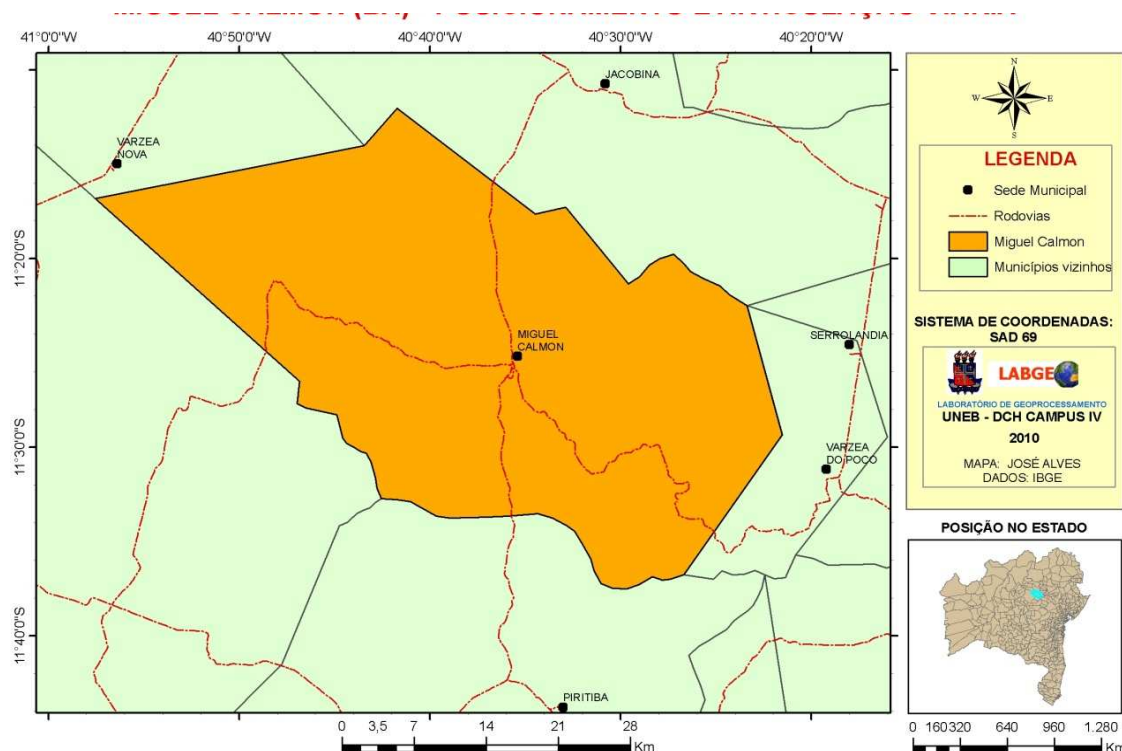


Figura 1: Mapa de Miguel Calmon (BA) – Posicionamento e articulação viária

O município de Miguel Calmon está localizado no Estado da Bahia, no Piemonte da Chapada Diamantina, no Centro Norte Baiano, pertencendo a Microrregião de Jacobina. O Município limita-se ao Norte com Jacobina, ao Sul com Piritiba, ao Leste com Várzea do Poço, e ao Oeste com Morro do Chapéu. No Polígono da Seca com bioma típico da Caatinga, e clima semi-árido, possui distância equivalente a 368 km, da Capital do Estado, estando 532m de altitude do nível do mar com latitude Sul de 11°25'37" e longitude Oeste 40°35'46".

Segundo o censo realizado pelo IBGE, em 2010, a população do município é de 26.475 habitantes, sendo 10.409 na zona rural e 16.066 na zona urbana, a área territorial é de 1.568,220 km², com densidade demográfica equivalente a 16,88 hab/km².

Conta os historiadores que os primeiros habitantes da atual cidade de Miguel Calmon foram índios Payayazes, da tribo dos Cariris, esses índios habitavam grande parte do estado da Bahia, viviam nus e sobreviviam basicamente da pesca e da caça. Tudo leva a crer que quando o Sr. João Correia de Miranda (um dos primeiros habitantes dessa terra) veio para essa região, por volta de 1810, a mesma ainda era habitada pelos índios Payayazes. (VILARONGA E CARVALHO, 2007).

Toda história de Miguel Calmon, começou numa época, em que as pessoas não tinham dificuldades para obter terras, pois as terras eram doadas ou cedidas, a única condição estabelecida era que essa pessoa tivesse coragem para trabalhar e cultivar a terra. Nessa época, ainda segundo Vilaronga e Carvalho (2007), as terras que hoje Miguel Calmon está localizado (que era a Fazenda Canabrava de Jacobina) pertenciam a Antônio Brito Correia, que após seu falecimento, coube, por herança, a seu filho Antônio Guedes de Brito, Mestre de Campo, que faleceu deixando a posse das terras para sua filha, a Condessa Dona Maria Constança de Saldanha Oliveira e Souza, casada com o conde da Ponte, João Saldanha da Gama de Melo Torres de Brito. Com a morte do seu marido, a Condessa da Ponte Dona Maria Constança de Saldanha Oliveira e Souza, por volta de 1810, vende a Fazenda Canabrava de Jacobina ao Sr. João Correia de Miranda, que, segundo se comenta, quando o Sr. João Correia chegou a essas terras, as mesmas, ainda eram habitadas pelos índios Payayazes, passando a ser vizinhos. O nome Canabrava, dada a região, vem da vegetação típica do local, era uma vegetação semelhante a cana-de-açúcar, porém, não formavam touceiras e as hastes, eram mais altas e verticais, era a cana-brava (*authoxathiungigans*). A partir de 1812, começaram a vir de Jacobina os primeiros moradores para Fazenda Canabrava, que eram os descendentes das famílias Valois Coutinho, Marcelino de Miranda, e Sahagum de Miranda. Aproveitando a boa qualidade das terras, essas famílias começaram a explorar a agricultura, com o cultivo de milho, feijão, mandioca, café e, posteriormente, cana-de-açúcar e gado, por ser região propícia, somente a partir de 1885, começaram a surgir novas fazendas na região, surgindo os primeiros engenhos.

Inicialmente o deslocamento dos moradores a outros locais ficou muito complicado, para ir à Jacobina, a cidade mais próxima, com 36 km de distância, levavam muito tempo, pois, o único meio de locomoção era os burros e mais tarde os carros de bois. Meios que se tornavam insuficientes para o transporte das mercadorias, que eram comercializadas e das pessoas, sendo necessário viajar com muita frequência. Por esse motivo, os tropeiros e mascates Jacobinenses passaram a vir à Fazenda Canabrava, trazendo os produtos de primeiras necessidades. Com o passar do tempo a população da Fazenda foi aumentando e a vinda de comerciantes de Jacobina, também foi crescendo. A Fazenda Canabrava passa a ser um Povoado.

As vindas dos comerciantes de Jacobina aconteciam sempre aos sábados, e o comércio era realizada embaixo de um Jenipapeiro (dando início a feira livre que existe até hoje), nesse local eram realizados compras e trocas de diversos tipos de produtos, a partir daí, foram construídos os primeiros barracos, casas, bodegas e açougues, dando início ao Arraial de

Canabrava. A região progredia de forma muito rápida, as famílias se multiplicavam, surgiam ruas, e povoados. Chegando cada vez mais moradores de outras cidades, atraídos pela fertilidade dos solos e mais tarde, pelo garimpo de pedras, principalmente, o ouro.

Em 1897, de arraial de Jacobina, Canabrava foi elevado a distrito de subdelegacia pelo decreto de 7 de janeiro de 1879, no governo do conselheiro Luiz Viana, através de políticos como Justiniano Cezar de Jacobina Vieira, Genésio César de Miranda e Seraphim Alves Barreto. Sonhando com sua independência, em 12 de agosto de 1913, Canabrava foi elevado à distrito pelo decreto estadual nº 991. O cartório, porém, continuava em Jacobina e todos os registros eram feitos ali. Em 8 de janeiro 1916 foi elevado à Distrito de Paz com instalação de um cartório e, no dia 9 de janeiro, foi iniciado o livro de óbitos, com a morte de uma criança de um ano: Aurelino dos Santos, ocorrido às 14h do mesmo dia. Cinco dias depois foi registrado o primeiro nascimento: Rosália Pereira da Silva. O primeiro casamento foi no dia 5 de fevereiro do mesmo ano cujos nubentes foram Joaquim de Souza e Mariana Roza do Espírito Santo. O primeiro escrivão foi José Lopes Guimarães e o Juiz de Paz Coronel Seraphim Alves Barreto, tornando-se, depois, um grande político. Este teve grande participação, também, na criação de gado e auxiliou nos entendimentos para a construção da estrada de ferro. Depois vieram Nicolau Alcântara Pereira Lima e Manoel Antônio da Silva, até 1920.

Através da lei nº 1726, de 06 de agosto de 1924, Canabrava foi promovida a vila com o nome de Miguel Calmon, desmembrando-se de Jacobina, ocorrendo sua inauguração a 26 de outubro do corrente ano. (SILVA, 1983, s/p)

Ainda segundo o autor, com as mudanças sofridas por todo o país na era Vargas, em 1930, Miguel Calmon passou a ser chamada Djalma Dutra, pelo decreto lei nº 7115 de 11 de dezembro de 1930. Em 1938 o município foi elevado a categoria de cidade autorizado pela Lei estadual nº 311 de 2 de março de 1938. Em 1943, foi o topônimo do município restaurado para Miguel Calmon, que está até hoje, pela Lei estadual nº 141 de 31 de dezembro de 1943.

A partir desse momento, o município de Miguel Calmon, começa a dar seus primeiros indícios de mudanças. Vilaronga e Carvalho (2007) comentam que em 1960 já havia no município algumas repartições públicas como, os Correios, Agência Municipal de Estatísticas, Fórum de justiça e Prefeitura Municipal. Segundo a Prefeitura Municipal, atualmente, Miguel Calmon conta com 12 bairros e o centro, 93 ruas, 4 avenidas, 13 praças, 3 distritos, 61 povoados, 1 câmara de vereadores, 3 agências bancárias, 2 escolas estaduais, 1 universidade, 1 hospital, 1 posto de saúde, 2 PSF, 1 ginásio, 4 indústrias, 2 CRAS, 1 CREAS, 1 delegacia, 1 agência do INSS, e em alguns dias estará sendo inaugurado 1 matadouro que irá abastecer Miguel Calmon e todas as cidades da região.

Figura 2: Vista parcial da cidade de Miguel Calmon,s/d



Fonte: Arquivo público, Prefeitura Municipal de Miguel Calmon

No período inicial as principais atividades existentes na região era a agricultura, o comércio, e a pecuária e foram essas atividades que deram impulso ao crescimento econômico, sendo, que atualmente essas atividades movimentam parte da economia da cidade. Segundo o censo do IBGE (2010), na pecuária ganha destaque os criadores de bovinos com 39.210 cabeças, caprinos 26.246 cabeças, ovinos 11.500 cabeças, suínos 6.393 cabeças, e galinhas 44.540 cabeças; já na agricultura, tem-se uma enorme variedade de frutas, verduras e hortaliças, dando destaque para a produção de banana, com 3.000 toneladas, laranja 60 toneladas, e abacaxi 140.000 frutos colhidos anualmente.

Nesse sentido, não demorou, para que Miguel Calmon ganhasse destaque em seu comércio, com a compra e venda de mercadorias vindas de toda a região, sendo essa a atividade que desde o início foi o maior gerador de renda, começou pelos comerciantes e mascates vindos de Jacobina para negociar na cidade, mais tarde com os engenhos, as indústrias artesanais e assim sucessivamente. Atualmente, é o comércio local que parcialmente sustenta a economia da cidade, com cerca de 700 estabelecimentos comerciais no centro da cidade (segundo a Associação comercial de Miguel Calmon, 2010), ganhando destaque a Feira Livre, que nasceu juntamente com o Município, de forma tímida ,negociando apenas produtos de primeiras necessidades, com a vinda de comerciantes da cidade de Jacobina ,dando início a uma feira embaixo de um jenipapeiro, realizada sempre aos sábados, sendo que os comerciante enfrentavam algumas dificuldades, pois o transporte era feito sempre com animais. Atualmente, a feira livre da cidade, acontece todos os dias, porém, com

uma maior amplitude aos sábados, trazendo comerciantes de cidades vizinhas e de todos os povoados.

2.1 Saúde

No âmbito da saúde o município dispõe de postos de saúde, centro de marcação de exames e consultas, um laboratório de análises clínicas, departamento de vigilância sanitária, consultórios odontológicos, e clínica de fisioterapia, tudo para o atendimento e assistência a população calmonense, dispõe também da farmácia básica que disponibiliza medicamentos gratuitos para quem necessitar, além de existir dois postos PSF (Programa de Saúde da Família) nos bairros, e em alguns povoados para atender os moradores desse determinado local.

Porém, o destaque do município na saúde é o Hospital Padre Paulo Felber que foi reinaugurado dia 16 de outubro de 2005.

Figura 3: Hospital Padre Paulo Felber , 2005



Fonte: Arquivo público, Prefeitura Municipal de Miguel Calmon

A construção do novo hospital durou cerca de quatro anos e foi um trabalho realizado pela direção, com recursos próprios de cerca de R\$ 2 milhões. O prédio dispõe de três pavilhões, em uma área de 1780 metros quadrados, com 30 leitos, um centro cirúrgico com

200 metros quadrados, e um centro de diagnóstico por imagem. (JORNAL PRIMEIRA PÁGINA, 2005). Segundo dados do IBGE (2010), o total de óbitos em Miguel Calmon, nesse ano, foi de 122 pessoas, e natalidade correspondente a 456 crianças.

2.2 Educação

Na educação o município dispõe de instituições de ensino para atender a todos os públicos, desde o primário ao ensino médio. A sede calmonense atualmente possui sete escolas municipais, cinco creches, um colégio municipal, dois Colégios Estaduais, e quatro escolas particulares. Sendo que em 2009 segundo o IBGE, nesse ano foram matriculados 5.272 alunos no ensino fundamental, em escolas particulares, estaduais e municipais, e 1.054 alunos no ensino médio.

Podemos ressaltar como um bom avanço na educação do município com a implantação da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), a qual vem oferecendo formação de ensino superior, no município, além da Plataforma Freire, e a Universidade para Todos.

2.3 Turismo

O turismo na cidade de Miguel Calmon, ainda se apresenta de forma muito tímida, no mês de junho muitos turistas veem até a cidade, atraídos pelo São João.

O turismo ecológico que é o destaque dentro do município representado pelo Parque Estadual das Sete Passagens (PESP), o mesmo é uma reserva ecológica criada com o intuito de preservar a natureza e suas belezas naturais existentes, porém, é aberto a turistas e visitantes. O PESP foi criado em 2000, é um Parque que foi criado com a comunidade, se organizando e tomando a iniciativa de fundá-lo, ao invés de esperar uma ação governamental. A real meta do PESP é realizar educação ambiental, preservar o meio ambiente e a sua biodiversidade.

Figura 4: Mosaico de imagens do Parque Estadual das Sete Passagens, s/d.



Fonte: Arquivo do Parque Estadual das Sete Passagens

O PESP possui 2.821 hectares com altitudes que vão de 600 á 1300 metros, recebe atualmente cerca de 350 visitantes, por mês. O turismo é controlado, e realizado de forma sustentável, pois o maior objetivo da reserva é a preservação da natureza. No PESP existem mais de 50 nascentes, que vão para rios como o Itapicuru Mirim, Jacuipe, das bacias do Itapicuru e Paraguaçu, além de cerca de 14 cachoeiras, algumas com mais de 100 metros de altura, destaque para a Cachoeira do Sinvaldo, com 162 metros de altura. Por ser uma área de preservação ambiental, o Parque possui regras exclusivas de uso, com zonas específicas para visitação e zonas específicas para preservação, a qual não é permitida a visitação por turistas. O PESP é de propriedade do Estado, sendo administrado por uma equipe com um gestor e quatorze guardas-parque.

2.4 Projetos em Atividade

2.4.1 PETI

Programa de Erradicação do Trabalho Infantil é um programa desenvolvido pelo governo Federal, em todo o país, o seu real objetivo é tirar a criança do ambiente de trabalho e levá-la para a escola. As famílias de baixa renda recebem através do PETI uma bolsa renda no intuito de manter as crianças na escola, a faixa etária dessas crianças que participam desse programa é até 15 anos.

2.4.2 Casa da Criança

É um projeto desenvolvido pela prefeitura municipal de Miguel Calmon. É uma casa que atualmente atende cerca de 80 crianças, com faixa etária entre 7 e 14 anos, dispõe de 1 coordenador e 3 monitores, promove trabalhos e atividades lúdicas com fins educativos no intuito de desenvolver o raciocínio dessas crianças, promove ainda reforço escolar para crianças que enfrentam maiores dificuldades com disciplinas escolares.

2.4.3 Berro do Bode

O Berro do Bode, o Flores da Bahia e o Mel Doce Mel são projetos desenvolvidos com a parceria entre Governo Estadual e Governo Municipal, que têm como maior objetivo aumentar a renda da população do município.

O Projeto Berro do Bode, foi criado com objetivo de melhorar geneticamente o rebanho da caprinovinocultura do município. O projeto foi implantado na comunidade Bagres, na estrada que liga Miguel Calmon a Jacobina. São 8 ha de área que funcionam da seguinte forma: cada criador de ovino e caprino levaria suas matrizes para fazer cobertura com os animais PO nesse condomínio, após cobertura esses animais retornariam à fazenda de seus proprietários e com a reprodução de cada dez que nascesse, dois retornariam para o projeto e esses animais seriam distribuídos com agricultores familiares, com objetivo de ampliar o rebanho do município, com animais geneticamente PO.

Com o grupo gestor formado por criadores e órgãos afins, o projeto não teve o sucesso esperado, por essa razão procurou dar uma nova roupagem ao projeto, buscando alternativas

para a sua sustentabilidade e essa alternativa é criar também animais para corte no caso ovinos. E a fazenda ser administrada por cinco jovens ruralistas. Com essa proposta acreditamos estar gerando posto de trabalho e renda, sem perder o foco do melhoramento genético do rebanho, como também a geração de renda com a comercialização do abate de animais.

2.4.4 Flores da Bahia

O Projeto foi desenvolvido em nove municípios baianos com plantas tropicais e subtropicais. Em Miguel Calmon, foi investido mais de R\$ 400.000,00 na implantação de estufas, câmaras frias, caminhão refrigerado, insumos e mudas, além, de bolsas auxílio que foram distribuídas, inicialmente, aos jovens beneficiários do projeto. A princípio a ideia era trabalhar com 40 jovens, pois a demanda do estado no fornecimento de flores deixa a desejar, sendo que as flores veem de outros estados. E a todo vapor Miguel Calmon vira a cidade das flores e começa a produzir para toda a região e a capital do estado.

Por falta de gerenciamento eficaz, houve por parte dos participantes uma grande falta de estímulo, chegando a fechar o projeto. Em 2009, com novos investimentos o projeto foi reaberto e novamente Miguel Calmon começa a produzir, hoje, de forma diferenciada e gerenciada pelos próprios beneficiários sob a coordenação da Secretária de Agricultura Desenvolvimento e Meio Ambiente. Atualmente sete famílias são beneficiadas tirando mensalmente uma renda líquida de R\$ 800,00, mensais, ficando da renda bruta 30% da comercialização para manutenção do projeto “Terra Viva Flores de Miguel Calmon”.

2.4.5 Mel Doce Mel

Este Projeto foi criado com objetivo de desenvolver, no município, a prática da apicultura. Foram distribuídas 800 colméias ,para 80 famílias de agricultores familiares, foi construída uma casa para beneficiamento do mel.

Este projeto tem dado resultado. Estava previsto para o primeiro ano mil kg de mel, mas conseguiu-se produzir dois mil kg, hoje dentro da microrregião de Jacobina o nosso município se destaca com uma produção estimada em mais de 14 toneladas ao ano. É notável que, o Projeto precisa ser ampliado com uma casa de beneficiamento o entreposto para facilitar o escoamento da produção que é garantida no mercado.

Hoje existe uma associação de apicultores e a prefeitura está repassando para a referida associação os direitos de gestão do Projeto, por se tratar de uma associação organizada e sustentável, com capacidade administrativa.

2.5 Festividades

2.5.1 Carnaval

A manifestação cultural, inicialmente, mais importante, em Miguel Calmon era marcada pela realização dos carnavais, onde diversos grupos de pessoas saíam às ruas fantasiadas e guiadas por bandas, fazendo a festa no centro da cidade. As festas eram organizadas, com entusiasmo, pelas tradicionais famílias calmonenses. Com o passar do tempo, o carnaval foi perdendo sua essência e seus adeptos. Fato que influenciou no término. Nos últimos anos, o carnaval vem renascendo, dentro da cidade, porém, de forma tímida. Atualmente, o carnaval é marcado por blocos fechados embalados por trios.

2.5.2 Feira de Artcultura

A feira de Artcultura é realizada anualmente. É uma feira montada por todas as comunidades rurais, com o intuito de mostrar todos os produtos típicos da região, artesanatos e apresentações artísticas, realizados por cada comunidade. É um momento de encontro entre todo o município da sede e da zona rural. Nessa Feira todos os estandes são bem decorados, o que acaba criando certa concorrência entre as comunidades, para ver qual a melhor decoração. Porém, a mesma ficou desativada durante alguns anos. Atualmente, a Feira de Artcultura voltou à ativa e está sendo realizada sempre no dia 6 de agosto, data em que Miguel Calmon, faz aniversário.

2.5.3 Cavalgada

A Cavalgada de Miguel Calmon é uma festa realizada, sempre, no primeiro semestre do ano, a mesma traz pessoas de todas as cidades da região. É um encontro de cavaleiros que vêm especialmente para essa festa. A primeira cavalgada foi realizada no ano de 1991. De início eram poucos cavaleiros, que com o passar do tempo, foi aumentando. Há ainda cavalgadas que são realizadas em vários povoados do município.

Além da Cavalgada é realizada a Jegada de Miguel Calmon, que acontece sempre no mesmo dia da Cavalgada, o que acaba dividindo o público. A jegada é marcada pela diversão. São jegues e jegueiros fantasiados de todas as formas.

2.5.4 São João

Figura 5 : Festa de São João em Miguel Calmon,s/d.



Fonte: Arquivo público, Prefeitura Municipal de Miguel Calmon.

Tradição na maioria das cidades do interior do Nordeste, em Miguel Calmon não poderia ser diferente, o São João, antigamente, era realizado nas casas, por famílias, com a tradição de acender a fogueira e fazer comidas típicas dessa época.

Em meados da década de 1990, o São João, em Miguel Calmo, ganhou uma maior amplitude, sendo realizado na Praça Lauro de Freitas (Praça principal), foi batizado com o nome “Arraiá Calça-Curta”. Cada ano, o São João ganha uma “cara” diferente, de acordo com o momento que se está vivenciando. Nesse período, todas as ruas, bairros e avenidas ganham uma decoração especial. E a praça da realização da festa, um novo cenário. Geralmente, a festa acontece durante 5 dias, com bandas de forró variadas. Porém, as comemorações nos povoados e bairros da cidade vão do início do mês de junho até meados do mês de julho.

Com o passar do tempo as comemorações de São João, passaram a crescer, recebendo visitantes das regiões vizinhas. A partir de 2004, o São João ganhou um novo espaço, foi transferido da Praça Lauro de Freitas para a Praça Ruy Barbosa.

2.5.5 Esportes

O esporte em Miguel Calmon se faz muito presente e dispõe de muitos seguidores em todos os cantos do município. Há uma variedade de esportes praticados pelos calmonenses, dentre eles, podemos citar o karatê, MotoCross, ciclismo, corridas, jogos estudantis, voleibol, handebol, basquete, dentre outros, porém, o futebol é o mais praticado. O maior torneio de futebol no município é o campeonato rural, no qual todas as comunidades rurais se enfrentam, para revelar o campeão em cada ano, é um campeonato que mobiliza todo o município.

2.6 Plano Diretor

O Plano Diretor Participativo da cidade de Miguel Calmon, LEI 355/2008, está organizado em 8 Títulos, 16 Capítulos e 89 Artigos. Por ser considerado parte fundamental do processo de planejamento do município, é um instrumento básico da política de desenvolvimento e crescimento espacial da cidade, visando o bem estar de toda população calmonense como fica explícito do Art.2º:

Art. 2º, o Plano Diretor Participativo do Município de Miguel Calmon-Ba, tem por finalidade fixar diretrizes visando o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade, de forma a assegurar a função social da propriedade e o bem-estar de seus habitantes, nos termos dos artigos 182 e 183 da Constituição Federal, da Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001 – Estatuto da Cidade e das disposições constantes na Lei Orgânica do Município.

O Plano Diretor está baseado em dez princípios básicos, são eles: desenvolvimento econômico e social; habitação e ocupações irregulares; preservação ambiental; preservação da cultura local; infra-estrutura adequada com especial ênfase ao saneamento básico, notadamente esgotamento sanitário, e ao fornecimento de água tratada às comunidades necessitadas; sistema viário e transportes; saúde, educação e outros serviços municipais; identidade do Município e auto-estima dos munícipes; maior integração entre as zonas urbana e rural; maior integração com os municípios vizinhos.

No Título II, trata do desenvolvimento e expansão urbana que visa à valorização da base econômica e do fortalecimento da cadeia produtiva, trata ainda da ampliação da oferta de trabalho, qualificação dos recursos humanos, melhoria do atendimento ao sistema público de assistência social, e preservação dos recursos ambientais, dentre outros. No decorrer do Título III capítulo I, fala dos princípios gerais do desenvolvimento socioeconômico da cidade de Miguel Calmon, citando a busca do pleno emprego; redução das desigualdades sociais; defesa do meio ambiente; valorização do trabalhador local; incentivo ao pequeno produtor ou empreendedor; dentre outros.

O Plano Diretor cita ainda as expectativas quanto a habitação, distribuição de água e esgotamento sanitário. Na habitação, propõe iniciativas para o acesso da população a melhores condições incorporando projetos e estabelecendo programas que venham a beneficiá-la. Na área de distribuição de água e esgotamento sanitário o município deverá propor políticas constantes para atender toda a demanda, com a ampliação do sistema de abastecimento de água para todo o município, e garantir a população sistema de tratamento e coleta do esgoto, incentivando o uso e aproveitamento dos resíduos para a reciclagem. O Plano propõe também, que, a cidade cresça de uma forma mais adequada com a pavimentação, urbanização e arborização de ruas e bairros.

O plano Diretor de uma cidade procura elencar todos os âmbitos existentes dentro da mesma, dessa forma, o Plano da Cidade de Miguel Calmon, propõe melhores condições no âmbito educacional, da saúde, na conservação do patrimônio histórico, do meio ambiente, do uso e ocupação do solo, dentre outros, sendo que, em todos esses aspectos procura-se estabelecer programas, projetos e propostas que possam atender toda a população.

Diante dos aspectos apresentados, podemos observar que Miguel Calmon é um município com 87 anos de emancipação, e que, desde esse momento, vem se desenvolvendo social e economicamente. São vários os caminhos a serem percorridos. Nesse sentido, percebe-se um investimento por parte dos governos federais, estaduais e municipais, através

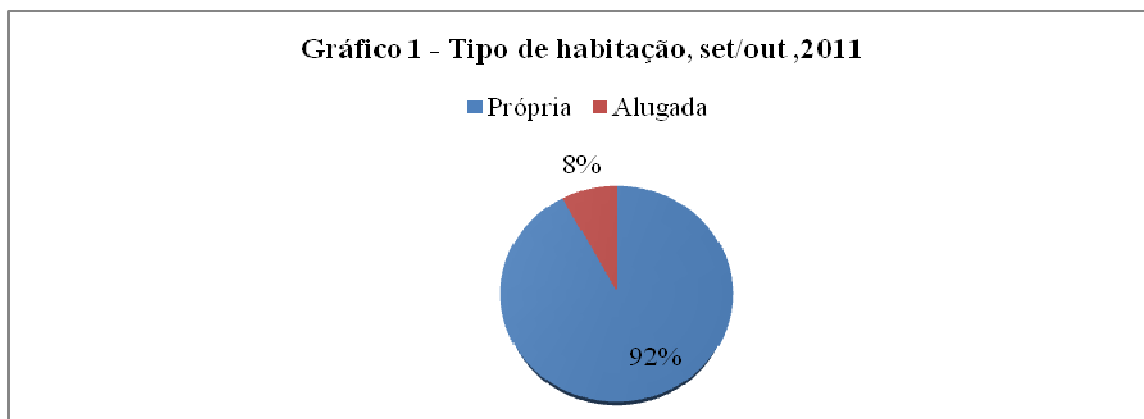
de programas, projetos, e lazer que foram desenvolvidos visando trabalho e renda para a população.

3.1 O percurso metodológico

Para falar das modificações espaciais e o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Miguel Calmon, é de extrema importância os relatos e abordagens dos moradores da cidade. No intuito de averiguar o modo e as condições de vida da população calmonense, foram aplicados cinquenta questionários socioeconômicos, entre os meses de setembro e novembro, de dois mil e onze, em cinco bairros da sede (mapa 01): Alagoinha, Populares, Pontilhão, José Lúcio e Arroz. Em cada bairro foram utilizados dez questionários, sempre ao entardecer, já que nesse horário é fácil encontrar os moradores em casa, pois a maioria trabalha durante o dia. O trabalho foi desenvolvido, também, com base em quatro entrevistas com representantes da cidade, o prefeito, o secretário do Meio Ambiente e Agricultura, o representante da Câmara de Vereadores e o secretário da Assistência Social. As mesmas foram gravadas e transcritas na íntegra para assegurar a comprovação do discurso dos dirigentes. O material foi visto e aprovado por todos que, por meio da assinatura da carta de livre consentimento, possibilitou a utilização das mesmas para esclarecimentos e fundamentação das ideias referentes ao tema exposto.

3.2 O perfil socioeconômico dos sujeitos

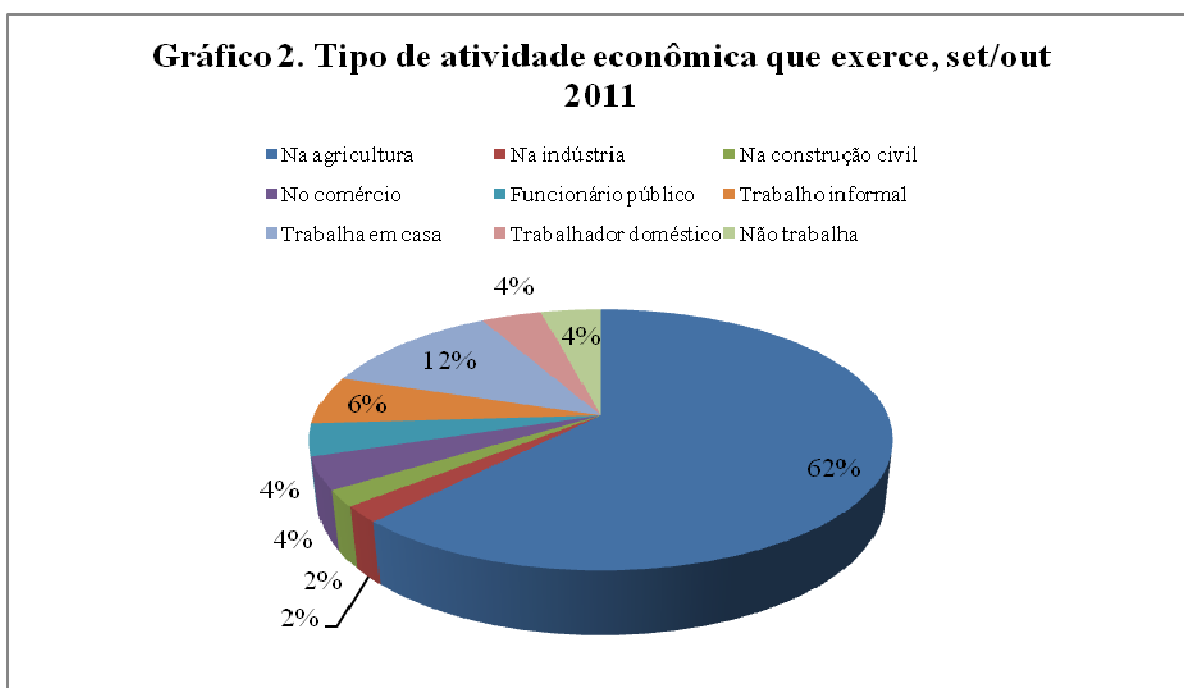
Sobre o perfil dos moradores, é interessante abordar que, a maioria foi do sexo feminino (68%), e 56% deles tinham mais de 50 anos. Em termos de habitação, a pesquisa mostrou dados significativos, pois 92% dos entrevistados moram em casa própria, como mostra o gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Em relação a saneamento básico, 82% das residências dos entrevistados possuem rede de esgoto; 86% moram em ruas calçadas; 100% possuem água corrente na torneira, energia elétrica e coleta de lixo, esse último, porém, é realizado uma vez por semana em todos os bairros entrevistados.

Em termos de atividade econômica exercida 62% dos entrevistados trabalharam ou trabalham na agricultura, 4% não trabalham, 4% exerce o trabalho doméstico, 12% trabalham em casa, 6% em trabalho informal, 4% funcionário público, 4% no comércio, 2% na construção civil, 2% na indústria, como demonstra o gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Os dados mostram que, embora existam outras práticas exercidas pelos moradores, a maioria deles trabalha na agricultura, uma “fragilidade”, ou um fator negativo para o desenvolvimento local. Embora as práticas agrícolas supram as necessidades básicas, não há um potencial econômico, visto que, na vida dos moradores a renda obtida nessa atividade não lhes assegura uma autonomia financeira.

Outra fragilidade percebida foi em relação ao nível de escolaridade, os resultados obtidos denotam que 14 % dos entrevistados não estudaram, a maioria da população, 54% não concluiu o ensino fundamental, os mesmos “pararam” os estudos na 4ª série, outros 14% apenas terminaram o ensino fundamental, apenas 8% possuem o ensino médio incompleto, 4 % possuem o ensino superior completo, 4% o ensino médio completo, e 2% apenas possuem

pós-graduação. Um fator de destaque é que, nenhum dos entrevistados está cursando ensino superior como mostra a tabela seguir.

Tabela 1. Nível de Escolaridade. Set/out 2011

Escolaridade	Percentual (%)
Não estudou	14
Estudou do 1° ao 5° ano	54
Estudou do 6° ao 9° ano	14
Ensino Médio incompleto	8
Ensino Médio completo	4
Ensino Superior incompleto	0
Ensino Superior completo	4
Pós-graduado	2

Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Analizando o fato de a maioria, 54% não terem concluído o ensino fundamental, percebe-se que os mesmos não possuem o ensino médio, são analfabetos funcionais, apesar dessa denominação ser relativa. Além disso, o baixo nível educacional presente nos dados acima demonstra uma deficiência neste quesito, fato que os impossibilita de se desenvolver economicamente e de exercer um trabalho que não seja a agricultura, o trabalho informal ou doméstico.

Os questionários socioeconômicos foram baseados nos indicadores sociais e nos índices de desenvolvimento humano, pois os mesmos exemplificam a forma e condições de vida dos entrevistados, demonstrando, se realmente há mudanças socioeconômicas na Sede Calmonense, com base no modo de vida dos moradores. Os resultados obtidos na pesquisa seguem abaixo.

3.3 Análises e vivência dos moradores:

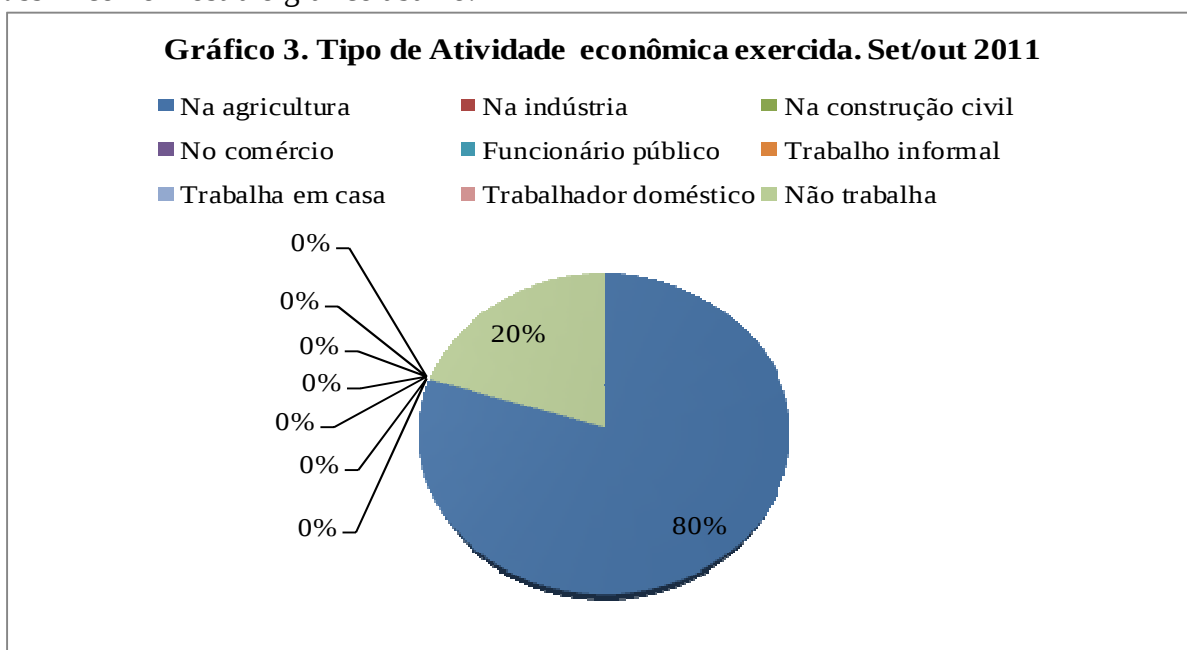
3.3.1 Bairro Pontilhão

Os moradores do bairro Pontilhão, assim como de todos os outros bairros, afirmam que Miguel Calmon cresceu e se desenvolveu nos últimos dez anos. A população relata que a cidade tem apresentado aspectos positivos, no que tange a saneamento básico e infraestrutura. 100% dos moradores possuem energia elétrica, água encanada, rede de esgoto, ruas calçadas. Em vários depoimentos, percebe-se a alegria e satisfação ao abordarem as modificações existentes “quando chegamos aqui, o bairro só tinha mato. Não tínhamos energia elétrica,

água encanada, nem rede de esgoto,” relato de um morador. A maioria afirma que ao chegarem ao Pontilhão, só encontraram árvores, mata, onde os mesmos pegavam lenha para acender o fogo, pois na época a condição de vida não os permitia adquirir fogão a gás. Analisando os relatos e os dados da pesquisa, percebe-se que houve, portanto, uma reconfiguração espacial onde a materialização do espaço e a representação que os sujeitos fazem de tais mudanças, são muito importantes para análises da visão e vivência dos mesmos.

Quanto à renda da família, 70% dos moradores sobrevivem com um ou dois salários mínimos, fornecidos pela Previdência Social, em virtude da idade, pois os mesmos tinham mais de 50 anos. 30% vivem com menos de um salário, renda adquirida com trabalhos agrícolas, domésticos, entre outros, sendo que a mesma é complementada pelos programas do governo, Bolsa Família, Bolsa Escola, etc.

Em relação ao nível de escolaridade, 70% estudaram somente até o 5º ano, 30% não frequentou o ambiente escolar. Fato relevante e de extrema importância, que esclarece nitidamente o nível de escolaridade dos moradores. Em relação à atividade econômica exercida, 80% dos moradores entrevistados trabalharam ou trabalham na agricultura, 20% não trabalham. As outras atividades econômicas não são desenvolvidas, entre os entrevistados, assim como mostra o gráfico abaixo:



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Os moradores do bairro Pontilhão afirmam que, Miguel Calmon mudou muito nos últimos anos, porém, 100% dos entrevistados reconhecem que, junto com esse crescimento um fator negativo teve um aparecimento acentuado, a violência, drogas e prostituição. A maioria reconhece que a cidade atual é bem mais agitada que a de alguns anos. Fato normal para

qualquer cidade que se desenvolve, algo bem mais frequente e corriqueiro que acontecia em tempos passados.

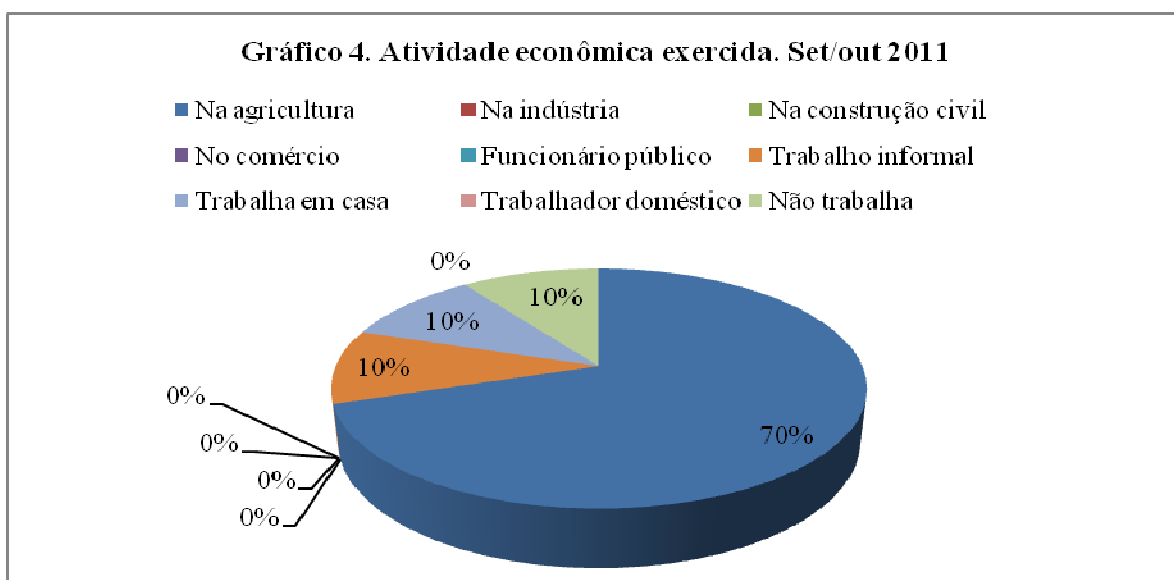
3.3.2 Bairro Populares

As Populares que, hoje é o maior bairro da cidade de Miguel Calmon, assim como qualquer bairro, também passou por mudanças espaciais e estruturais. Segundo alguns moradores há alguns anos, as Populares se resumia a Rua um, assim denominada, como a principal e primeira a ser fundada. Hoje, as Populares possuem oito ruas, além da Rua Parque do Cavalo, presente no bairro. É interessante abordar que, o maior crescimento do bairro, no nível de habitação, se deve às construções das casas populares, financiadas pelo governo federal, através da administração da prefeitura municipal.

Os entrevistados mais antigos, afirmam que “quando chegaram lá, só existiam de cinco a dez casas na rua principal. O resto era pasto, mata fechada”.

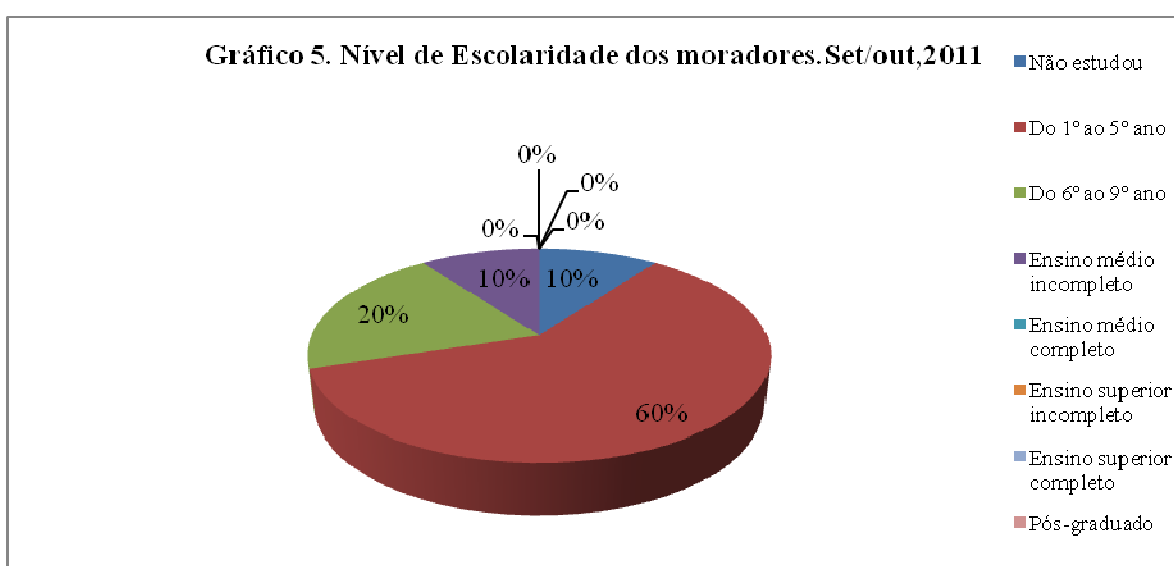
É nítido que, todos os moradores reconhecem as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Atualmente, 100% possuem água corrente na torneira, energia elétrica e rede de esgoto. O lixo é coletado semanalmente. 90 % dos questionados possuem sanitário com escoadouro para rede geral de esgoto ou fossas sépticas. 80% moram em casa própria, apenas 20 % moram de aluguel.

Um fator de destaque na pesquisa com os moradores das Populares, é que 70 % trabalharam ou trabalham na agricultura (gráfico 03), 10% trabalham informalmente, outros, 10% trabalham em casa, a outra parcela não trabalha , como mostra o gráfico abaixo.



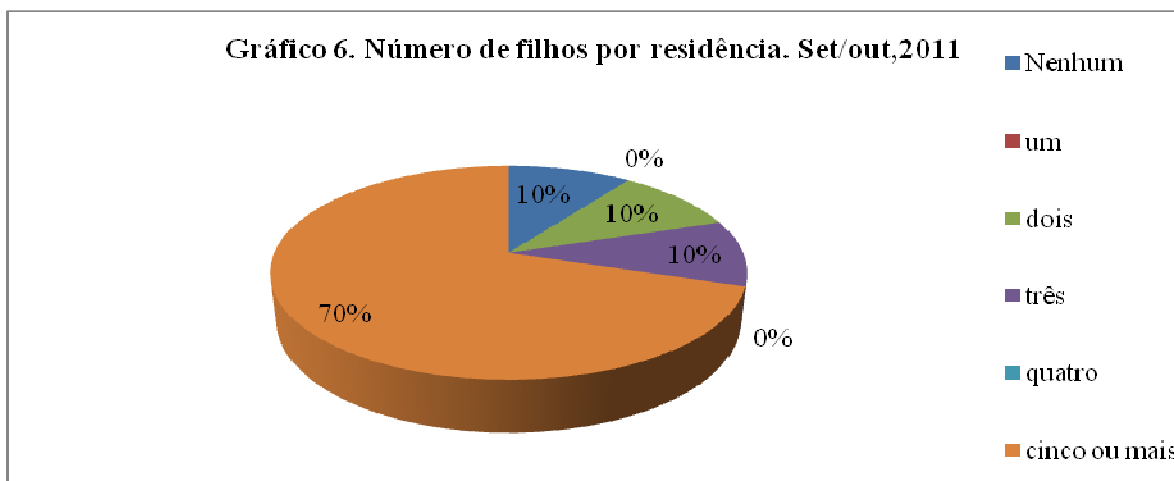
Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Quando questionados a respeito do nível de escolaridade dos mesmos e de seus filhos, 100% afirmaram que os filhos estudaram e estudam em escola pública. Dos entrevistados, 60% declararam que só cursaram do 1º ao 5º ano. A maioria dos moradores afirmou que tiveram que deixar os estudos para ajudar os pais no sustento de casa, e com o passar do tempo, foram construindo famílias, fato que impossibilitou a conclusão dos estudos. É notável que 100 % dos moradores das Populares não concluíram o Ensino Médio, como nos mostra o gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Outro fator de destaque é a renda da população. Metade, (50%) sobrevivem com menos de um salário mínimo. Eles afirmam que não têm emprego registrado e por isso vivem de “bicos”, fazem o que aparece para ganhar o sustento. A maioria é beneficiada com o programa Bolsa Família, porém, as dificuldades são muitas, pois as famílias são grandes, 70% possuem mais de cinco filhos, em casa, e que “o dinheiro não é suficiente para suprir todas as necessidades,” afirmam os moradores. O gráfico abaixo exemplifica a informação.



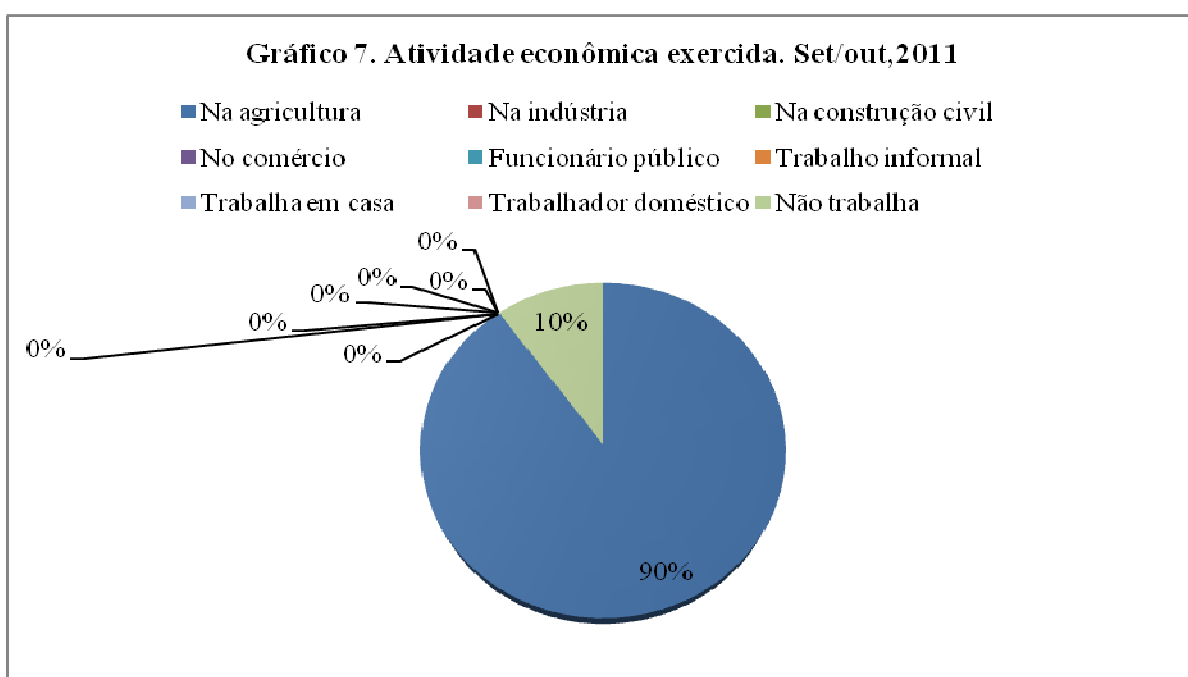
Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Quando questionados a respeito das mudanças ocorridas em Miguel Calmon 100% dos moradores afirmam que a cidade se desenvolveu, e a vida está melhor do que a tempos atrás, em termos de saúde, saneamento básico, etc. Porém, 100% dos moradores afirmam que o crescimento trouxe também alguns problemas. “A violência, as drogas, a prostituição, o índice de adolescentes grávidas, entre outros”.

O rápido processo de urbanização no Brasil provocou o agravamento da exclusão social, evidenciando problemas que são velhos conhecidos da população e dos gestores da cidade (SILVA 2001, apud CARLOS E LEMOS, 2003). Dessa forma, percebe-se que os problemas urbanos não são distintos, eles se diferem em maior ou em menor proporção dependendo do tamanho das cidades.

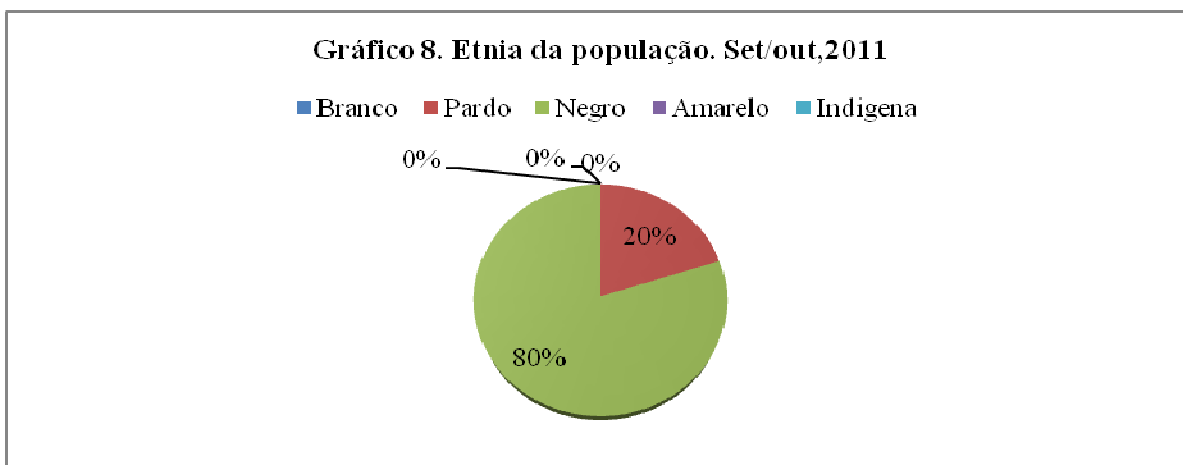
3.3.3 Bairro José Lúcio (Braço Mindinho).

A comunidade entrevistada do bairro José Lúcio enfatiza as mudanças ocorridas ao longo do tempo, na sede calmonense, em especial no bairro, o qual mora. Segundo os moradores entrevistados houve aumento no número de habitações, na última década. A pesquisa mostrou que 100% possuem água corrente na torneira, eletricidade e rua calçada. Dos entrevistados 90 % moram em casa própria, e 10% moram de aluguel. Quando questionados sobre a atividade exercida, assim como nos outros bairros a grande maioria dos moradores trabalharam ou trabalham na agricultura, cerca de 90% da população.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

A rede de esgoto é fator de destaque no Bairro José Lúcio, 100% da população questionada não possuem rede geral de esgoto, ainda que os mesmos possuam fossas sépticas. O lixo é coletado por serviço de limpeza municipal semanalmente. Assim como nos outros bairros, a maioria da população, 60% não concluiu o ensino fundamental, e 40 % da população não estudou. Porém, um fator de importância e que merece destaque em relação ao bairro José Lúcio, é sobre a Etnia, em todos os bairros a maioria das pessoas se consideravam pardas ou brancas. No entanto, no bairro José Lúcio 80% da população entrevistada se considera negra, como mostra o gráfico.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Essa aceitação por parte dos moradores é muito importante, pois comprova que as pessoas negras estão cada vez mais se assumindo e vencendo os preconceitos sofridos ao longo do tempo.

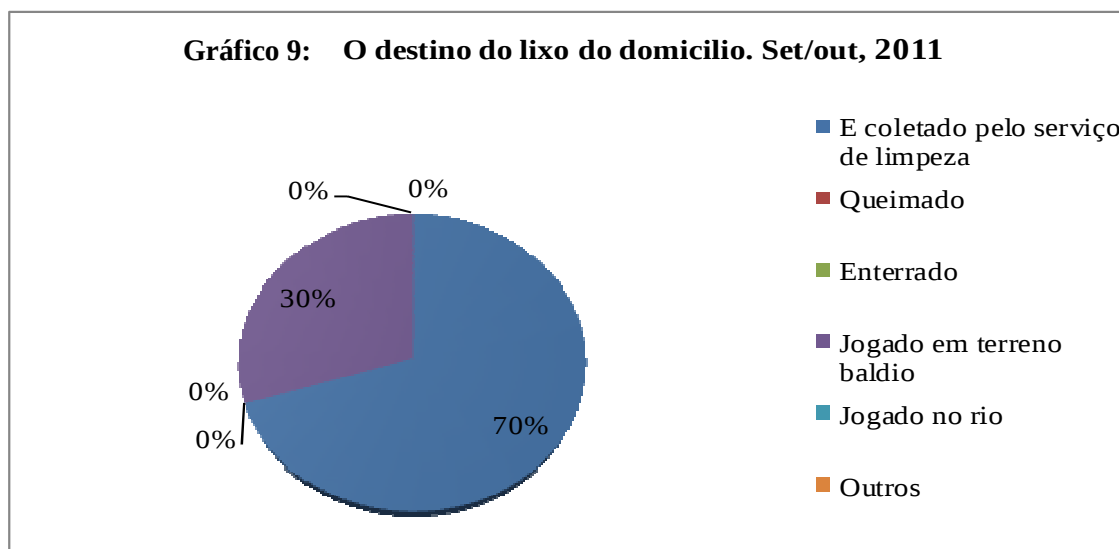
Como foi dito, inicialmente, o bairro José Lúcio, popularmente chamado de Braço Mindinho, apesar de ser periférico, tem adquirido alguns benefícios, tais como quadra poliesportiva, PSF, e futuramente, a prefeitura municipal tem projetos para a revitalização da lagoa, segundo o prefeito municipal, porque a mesma recebe a maior parte do esgoto da cidade.

3.3.4 Bairro Arroz

O nome foi denominado devido as grandes plantações de arroz que havia no local, uma vez que existia uma imensa área alagada, em alguns períodos de chuva, possibilitando o cultivo do mesmo. O bairro há muito tempo, vem sendo visitado por turistas, moradores e grupos escolares, por possuir o mais antigo casarão da cidade, “O Casarão do Arroz”. A casa é de proprietário particular, porém, aberta a visitação.

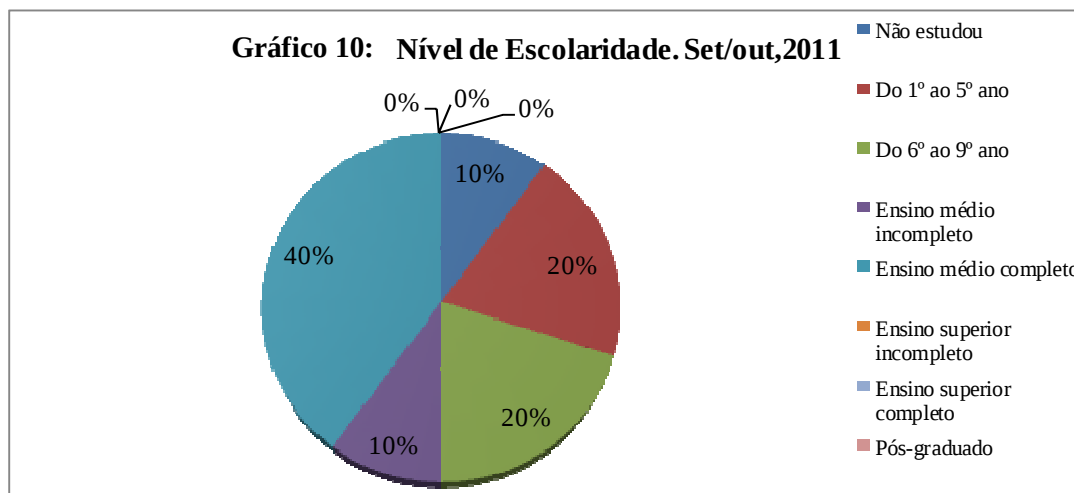
Dos moradores entrevistados, 70 % foram do sexo masculino, um diferencial, pois em todos os outros bairros, a maioria, equivalente a 68% eram mulheres. Outro diferencial, é que 10% apenas tinha mais de 50 anos, 80% possuía menos de 40 anos de idade, os outros 10% tinham entre 40 e 49 anos. A pesquisa com os mesmos mostrou que 80% da população moram em rua calçada, e 100% têm água encanada, porém, apenas, 60% têm rede de esgoto, a outra parcela da população, 40% ainda vivem sem rede de esgoto.

Quando questionados sobre o lixo domiciliar, 70 % da população colocaram que é coletado pelo serviço de limpeza municipal, uma vez por semana, e 30% ainda jogam em terrenos baldios.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

A população do bairro Arroz, se diferencia das demais em outros aspectos, apenas 20 % da população trabalham ou trabalhou na agricultura. A outra parcela se divide, 20% no comércio, 10% na construção civil, 10% não trabalha, 10% trabalha em casa, e 30% o trabalho é informal. Quanto à renda, apenas 10 % sobrevivem com menos de um salário mínimo, 90% dos entrevistados sobrevivem com um ou dois salários. O nível de escolaridade teve destaque, observa-se que diferente dos outros bairros, o nível aumentou e se diversificou como mostra.



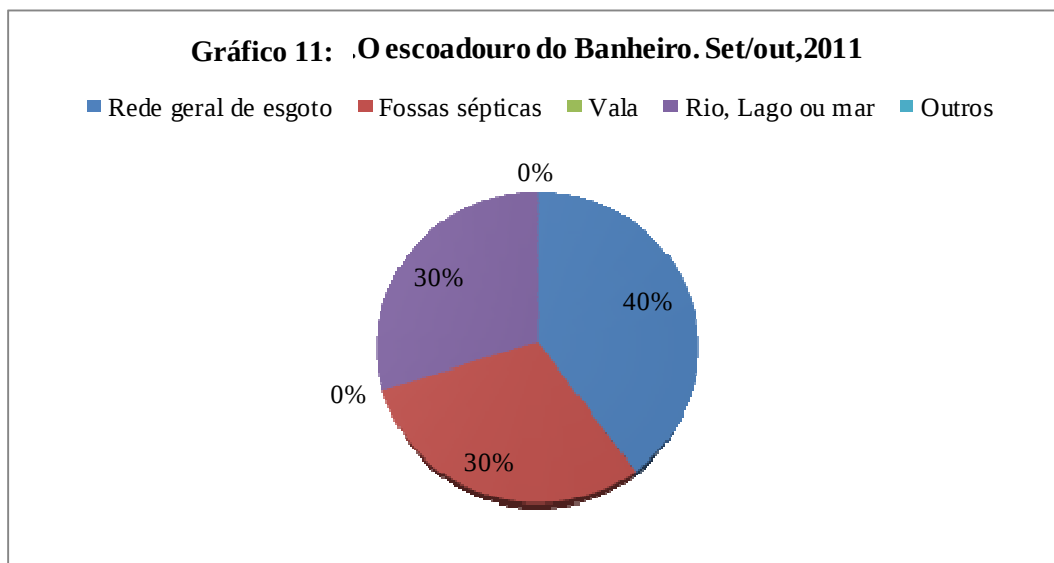
Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

A comunidade do Arroz possui um diferencial em termos de educação. Observando o mapa acima, os níveis de escolaridades se dividiram com destaque para o nível superior, algo peculiar ao bairro, pois nos demais, esse nível não estava presente dentre os entrevistados

3.3.5 Bairro Lagoinha

A comunidade do Bairro Lagoinha também foi foco da pesquisa, por ser um dos maiores da sede calmonense. Analisando a população e seus modos de vida, vê-se que há alguns aspectos negativos, os quais precisam ser revistos e analisados.

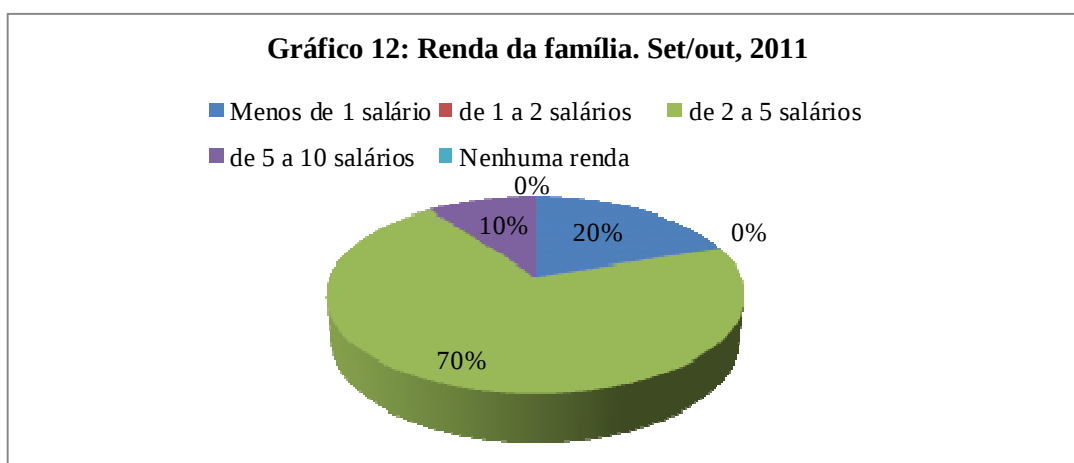
Dos entrevistados, 100% possuem energia elétrica e água corrente na torneira, mas apenas 60 % da população moram em rua calçada. 100% dos entrevistados possuem sanitários, porém, apenas 40 % utilizam um escoadouro ligado a Rede Geral de esgoto, 30% é lançado em fossas sépticas, os outros 30% da população o escoadouro é lançado no rio, conforme o gráfico .



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Outro fator relevante da pesquisa feita na Lagoinha é referente ao nível de escolaridade. Dos moradores entrevistados, 20 % possuem nível superior completo, 20% terminaram o ensino fundamental, 40 % não concluíram o 6º ano, 10% possuem nível superior completo, e mais 10% possuem Ensino Médio incompleto.

Em termos de renda, nota-se um nível elevado em relação aos outros bairros envolvidos, o mesmo se mostra a frente. Dos entrevistados 70% possuem uma renda de dois a cinco salários mínimo, como mostra o gráfico abaixo.



Fonte: Pesquisa de campo, Miguel Calmon, Ba.

Uma grande parte da população relata sobre seus modos de vida e colocam que houve sim mudanças na sede do município, e em seus bairros. Porém, ainda há ruas sem calçamento, domicílios sem rede e tratamento de esgoto. A coleta de lixo passa uma única vez por semana, falta emprego formal, entre outros benefícios. É interessante abordar que Miguel Calmon, possui, atualmente treze bairros incluindo o centro, porém, as abordagens mencionadas foram em relação aos cinco maiores, da sede calmonense.

3.4 Análise das entrevistas com o poder Público quanto às mudanças de Miguel Calmon

Para se avaliar as mudanças ocorridas no município de Miguel Calmon, nos últimos dez anos, sob a visão de alguns líderes da cidade, foram feitas quatro entrevistas com o poder público, o prefeito da cidade, José Ricardo Leal Requião; o secretário da Agricultura e Meio Ambiente, Geovane Nascimento de Souza; o secretário da Ação Social, Marcílio Santos Gonçalves Requião; e o ex-vereador e atual controlador da Câmara de Vereadores, Salatiel Gomes da Silva.

Dos quatro entrevistados, a respeito do crescimento social e econômico ocorrido na cidade, e os fatores que contribuíram, os relatos foram afirmativos e sinônimos. Observa-se em todas as falas que a principal marca do crescimento é a expansão dos bairros, em termos de infraestrutura, e o crescimento do comércio local, fator importante para o desenvolvimento econômico, porque com o surgimento de lojas variadas, possibilitou á população comprar na própria cidade, além de gerar empregos e renda, cita Souza.

Miguel Calmon, hoje, possui lojas que investem em sua aparência e na diversificação dos seus produtos, são farmácias, casas de construções, casas de peças, supermercados ,entre outros, escolas municipais e estaduais, central de atendimento à saúde e marcação de exames, Centro de Saúde e mais recentemente dois PSFs. Um fator de destaque em termos de saúde, é que dentro de alguns dias o Hospital Padre Paulo Felber será administrado pelo Hospital Português, de Salvador, única filial existente na Bahia, além da estrutura física, a instituição receberá equipamentos modernos para execução de exames complexos, que até então não se fazia na cidade. Ainda em termos de saúde, a sede calmonense possui centros de atendimento a população com problemas sociais e psicológicos. Percebe-se o CRAS (centro de Referência a Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializado para Assistência Social), o CAPS (Centro de atendimento psicológico), que atende toda a população da cidade.” Há dez anos não existiam esses órgãos na cidade, nem os profissionais que trabalham na área, psicólogos, assistentes sociais, advogados, entre outros”. Comenta Gomes

É perceptível a presença de programas também socioeducativos, como por exemplo, o PROJOVEM, existente na cidade. É um programa que trabalha com adolescentes vulneráveis, de baixa renda, os quais, os pais são contemplados com a Bolsa Família. O mesmo oferece aos adolescentes a possibilidade de aprender algumas atividades, desde musicais às artesanais, inclusive em termos de preparação para o mundo do trabalho.

Visto que os programas/projetos e serviços socioassistenciais têm permitido expansões. A exemplo dos CRAS volantes, acessibilidade e, sobretudo, empoderamento, considerando as concretizações das atividades que primam pelos vínculos afetivos familiares e protagonismo social (oficinas de geração de emprego e renda). Além disso, identifica-se evidente crescimento quanto à população cadastrada no CADUNICO (Programa Bolsa família); trata-se de uma contemplação da rendas sendo permitido aos membros proverem as suas indigências básico-familiares (REQUIÃO, Secretário da ação Social, 2011)

Logo, segundo os entrevistados, Miguel Calmon tem oferecido melhores condições de vida aos moradores, diferente do que acontecia há alguns anos atrás, onde as dificuldades eram de grandes proporções. Ainda segundo os mesmos, é importante mencionar que a sede calmonense é uma das poucas que possui todos esses programas, em relação às cidades que têm o mesmo porte populacional. Eles são resultados das buscas e lutas dos Líderes municipais que reconhecem as necessidades e tem competência para gerir tais programas, juntamente com o apoio dos governos estaduais e federais. É nesse sentido que o senhor Salatiel Gomes, Controlador da Câmara de Vereadores, argumenta sobre os fatores que influenciaram, no processo de transformação, que a cidade vem alcançando.

Primeiro, o fator da credibilidade, essa credibilidade, é gerada por uma série de fatores, político, econômicos e sociais, e a gente poderia citar primeiro o papel político. Então, se há uma estabilidade política na região ou no município, e os gestores merecem credibilidade. Gera confiança, para que empresas se instalem e faça da nossa cidade a sua sede ou tenha filial. E isso, é um dos fatores, eles começam gerar, diríamos assim, os efeitos positivos que são o surgimento de empresas, como falamos anteriormente (Matadouro regional, Casa dos ventos com energia eólica, Agências bancárias; Bradesco e Sicoob). Esse é fator principal, o surgimento de empresas que vão se instalando gradativamente. Um município que está localizado no semiárido baiano é difícil ele conseguir galgar alguma coisa de destaque, mas Miguel Calmon, graças a Deus, tem sido abençoado, poderíamos assim dizer, e tem colhido esses frutos, são os principais, eu digo fatores que estão gerando esse desenvolvimento econômico na nossa região. (2011)

O mesmo acrescenta que, essa credibilidade é gerada ou adquirida por uma boa gestão pública, e esse fator tem possibilitado ao município de Miguel Calmon a contemplação de

alguns programas dos governos estaduais e federais, os quais foram citados acima. Além de contribuir de forma significativa para melhoria de vida dos moradores calmonenses.

Em termos de infraestrutura, a cidade hoje possui várias praças, destacando a Praça Lauro de Freitas, localizada no centro da cidade, foi reformada há pouco tempo e sua nova configuração mostra , de um lado um pouco da história da cidade e do outro, um Mapa Mundi, projetado em mosaico. Outro destaque é a Praça Redonda, umas das poucas encontradas no mundo, o nome faz jus à sua forma espacial.(Segundo prefeito municipal).

Figura 7: Vista aérea da Praça Redonda,s/d.



Fonte: Arquivo público municipal, prefeitura de Miguel Calmon, Ba

Em termos de infraestrutura, a cidade possui quadras esportivas, mudando a configuração espacial dos bairros e beneficiando os praticantes de esporte.

A maior parte da sede possui área pavimentada (86%). A prefeitura com o apoio dos governos estaduais e federais promove a construção de casas e sanitários, para aqueles que não possuem.

Sobre educação, todo o município tem acesso, incluindo as zonas rurais, as quais, quando não possuem colégio, detêm o transporte coletivo para locomover os estudantes, comenta o prefeito municipal. Atualmente, percebe-se uma maior integração da prefeitura com os bairros e municípios. Miguel Calmon possui mais de 61 povoados, onde nos últimos anos tem sido realizado, por região, a Prefeitura Itinerante, ou seja, alguns profissionais das variadas áreas exercem seu trabalho de forma que auxiliam a população. São médicos, ginecologistas, cabeleireiros, advogados, palestrantes, entre outros profissionais, que passam o dia em cada localidade, trabalhando para atender os moradores desse determinado local.

Destaca-se ainda que, Miguel Calmon participa do novo programa do Governo Federal, “Agricultura Familiar” o mesmo possibilita a introdução do produto do agricultor familiar na merenda escolar. A prefeitura compra os produtos, dos pequenos produtores, e distribui nas escolas. Fator de importância, pois se exclui em grande parte o consumo dos produtos industrializados e ao mesmo tempo gera empregos e renda para a população da cidade.

O Governo Federal criou um programa que eu acho muito interessante, que é a introdução do produto do agricultor familiar na merenda escolar. Aí, vemos e convenhamos, a peta (derivado da mandioca) é uma delícia, eu posso colocar na merenda escolar? Posso, é muito melhor que os biscoitos industrializados. O governo permite que esses produtos sejam consumidos, mas que estejam dentro dos padrões licitatórios. A prefeitura pode comprar mais de 30% da merenda escolar na mão do agricultor familiar. (SOUZA, 2011)

Nessa perspectiva, o secretário do Meio Ambiente e Agricultura, afirma que não só a peta, o biscoito, também, o beiju, bolos, doces e diversas frutas e hortaliças estão sendo produzidas e comercializadas pelos pequenos agricultores. É um fator significativo para análise das mudanças e evoluções ocorridas na cidade, em especial no Comércio Local.

Por outro lado, as indústrias de Miguel Calmon ainda que de pequeno porte assumem um papel considerável na economia da cidade. Observa-se a presença da indústria do ouricuri e do o babaçu, os seus derivados são exportados para regiões circunvizinhas. Também indústrias de sabão, bebidas e tanques de fibras. Percebe-se ainda o andamento do projeto Flores da Bahia, que algum tempo andou parado, mas que no momento produz em quantidade. Segundo o secretário da Agricultura e Meio Ambiente se produz cinco mil unidades de flores por semana. “Hoje sete famílias são garantidas com salários de R\$ 800, 00, livres, fora a manutenção do projeto”, existe a perspectiva de aumentar esse número com os novos investimentos previstos para o município. É interessante abordar que o projeto calmonense não atende somente o mercado interno. “Hoje ele atende o mercado de Miguel Calmon, levamos também para Jacobina, Senhor do Bonfim, Morro do Chapéu e Irecê, mas a nossa intenção é atender um mercado único (que ainda não deu) que é em Salvador”. Afirma o secretário.

Entretanto, a grande expectativa para o ano 2012, são os projetos referentes à Cidade Digital, onde as aulas serão com equipamentos digitais, inserindo também na educação um grande avanço, com equipamentos modernos e aulas dinâmicas. Além de um Matadouro regional que atenderá as necessidades calmonenses e às cidades vizinhas de forma higienizada, como determina a vigilância sanitária, gerando empregos provisórios em sua

construção, e fixos em seu funcionamento. Mas a grande expectativa é, sobretudo, referente a geração da energia eólica. Miguel Calmon será pólo e possui hoje, a sede da “Casa dos Ventos”. É um projeto de iniciativa privada, europeia que gerará empregos e rendas para a população, em especial, as que alugarem seus terrenos para fixação das torre. É interessante frisar que outras localidades, como Jacobina, Morro do Chapéu também fazem parte do projeto, no entanto, a sede será em Miguel Calmon, comenta o prefeito Municipal.

Diante das entrevistas realizadas, nota-se que os representantes argumentam e citam dados referentes às transformações ocorridas dentro da sede do município calmonense e em seu entorno na última década. Os depoimentos e entrevistas demonstram as mudanças ocorridas. No entanto, é importante mencionar que ainda existem muitos problemas que necessitam de solução. Assim como em toda cidade do Brasil e do mundo. Miguel Calmon possui índices de prostituição, drogas, desequilíbrio social das famílias, desempregos, pobreza e uma pequena parcela de excluídos, em termos de saneamento básico, saúde, entre outros problemas.

3.5 Inferências e indicadores sociais e econômicos de Miguel Calmon

Diante das pesquisas realizadas com o poder público e com os moradores dos bairros, percebe-se um desenvolvimento socioeconômico, ainda que ínfimo na cidade de Miguel Calmon. Mesmo que incipiente a sede calmonense tem presenciado algumas mudanças em sua forma e funcionalidade como foi demonstrado ao longo da pesquisa. Porém, analisando dados dos IBGE, observa-se que em alguns pontos a cidade teve avanços, em outros, a mesma regrediu, como mostram as tabelas a seguir. É necessário abordar que em algumas tabelas não há informações do período de 2000 a 2010, pelo fato de não terem sido encontradas no IBGE, porém, os dados encontrados estão dentro desse determinado período.

Tabela 2. Número populacional, 2000 e 2010

População	2000	2010
Urbana	14.819	16.066
Rural	13.448	10.409
Total	28.267	26.475

Fonte: IBGE

A tabela acima mostra o nível populacional entre os anos 2000 e 2010. Observa-se que o número populacional diminuiu em especial na zona rural, no ano de 2010. No total a população diminuiu em torno de 1.792 pessoas, em dez anos. Essa diminuição pode ser determinada por fatores variados como, as emigrações, aonde as pessoas vão em busca de melhores condições de vida, seja buscando uma melhor formação educacional, na capital, nas regiões metropolitanas, e em outros estados, ou em busca de empregos, pois, embora a cidade tenha passado por mudanças, a mesma não oferece condições suficientes, nesse aspecto; outro fator é em relação ao planejamento familiar, visto que nos últimos anos a sociedade vem desencadeando uma maior preocupação em relação a formação das famílias e quanto ao número de filhos, juntamente com as campanhas preventivas e a inclusão da mulher no mercado de trabalho, fazendo com que a maternidade ficasse em segundo plano, tendo uma diminuição de 78, nascidos entre 2004 e 2010.

O índice de nupcialidade aumentou passando de 88 em 2004 para 90 em 2010, o que aumenta o número de moradias dentro do município e consequentemente o crescimento espacial, como demonstra a tabela:

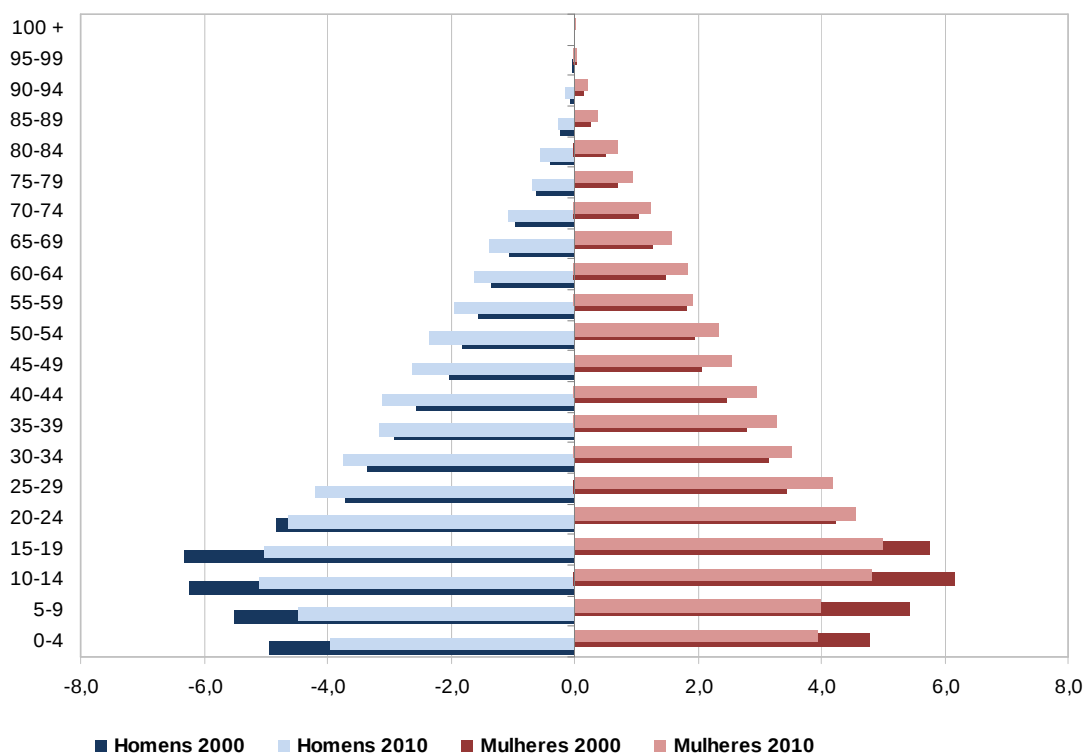
Tabela 3. Índice de natalidade, mortalidade e nupcialidade.2004 e 2010

Estatísticas civil	2004	2010
Natalidade	534	456
	110	122
Mortalidade		
Nupcialidade	88	90

Fonte: IBGE

Já o número de mortalidade passou de 110 em 2004 para 122 em 2010, esse aspecto pode ser explicado pelo fato de a população está envelhecendo, nos últimos dez anos, em

decorrência das melhorias nas condições de vida como: saúde, habitação, dentre outros, como demonstra a pirâmide etária abaixo.



Fonte: <http://www.sei.ba.gov.br>

Por outro lado, um dado positivo se refere à taxa de analfabetismo. O número de analfabetos diminuiu 3,1% nos últimos dez anos no município, a tabela abaixo mostra essa informação.

Tabela 4. Taxa de analfabetismo. 2000 e 2010

Taxa de analfabetismo	2000	2010
Total (%)	29,7	26,6

Fonte: IBGE

No entanto, em termos de alunos matriculados, houve uma regressão dos números no ensino fundamental de 1821 matrículas entre 2005 e 2009, o que pode ser decorrente da diminuição da taxa de natalidade, sendo que no ensino médio também houve uma diminuição de 473 matrículas nesse período, que pode ser consequente dessa realidade.

Tabela 5. Número de alunos matriculados no ensino fundamental e médio. 2005 e 2009

Alunos Matriculados	2005	2009
Ensino Fundamental	7093	5272
Ensino Médio	1527	1054

Fonte: IBGE

Em relação a atividade agropecuária, a cidade de Miguel Calmon apresenta níveis significativos, em todos os itens abaixo relacionados a pecuária apresenta aumentos significativo entre 2004 e 2010: bovinos 7.065 cabeças, suínos 613 cabeças, ovinos 2824 cabeças, galinhas 10.622 cabeças, e caprinos 6.985 cabeças. Porém, no que se refere a agricultura houve diminuição considerável, nos itens pesquisados, como é o caso da banana que houve diminuição de 2.750 toneladas, laranja diminuiu 36 toneladas e o abacaxi diminuiu 60.000 frutos, fatos que podem ser explicados pelo auxílio da renda através dos programas sociais desenvolvidos pelo governo federal, pois isso pode ter desencadeado um desinteresse pelas atividades agrícolas, mesmo sendo provado com a pesquisa que 62% dos questionados sobrevivem da agricultura.

Tabela 6. Números de produtos agropecuários. 2004 e 2010

Agropecuária	2004	2010
Bovinos	32.145 (Cabeças)	39.210 (Cabeças)
Suínos	5.780 (Cabeças)	6.393 (Cabeças)
Ovinos	8.676 (Cabeças)	11.500 (Cabeças)
Galinhas	33.918 (Cabeças)	44.540 (Cabeças)
Caprinos	19.258 (Cabeças)	26.243 (Cabeças)
Banana	5.750 (Toneladas)	3.000 (Toneladas)
Laranja	96 (Toneladas)	60 (Toneladas)
Abacaxi	200.000 (Frutos)	140.000 (Frutos)

Fonte: IBGE

Em relação à Agropecuária podemos observar que em algumas áreas como é o caso da pecuária houve aumento em todos os itens. Esse fato pode ser explicado pela procura maior, e pelas fiscalizações e campanhas que têm contribuído para que haja um melhor desenvolvimento dessa prática, dentro do município. Já na agricultura houve uma diminuição

em todos os itens que pode ser causada também pelas questões climáticas, pelo mau uso dos solos, etc.

Porém, segundo o IBGE o PIB calmonense aumentou de forma significativa, sendo que em 2000 o mesmo era de R\$ 37.070,00 e em 2009 era de R\$ 107.700,00, um aumento de R\$ 70.630,00, em nove anos.

Essas e outras características, que englobam o contexto social, econômico e espacial, referentes ao município de Miguel Calmon abordam aspectos importantes para compreensão do processo de reconfiguração que vem ocorrendo no município. Portanto, observando os dados, houve modificações na espacialidade e materialização do desenvolvimento socioeconômico na sede calmonense.

Considerações Finais

A produção do espaço urbano é uma atividade em constante movimento, assim como as necessidades de uma economia capitalista. Tais ações exigem, a todo instante modificações estruturais e contribui para o surgimento de espacialidades distintas. As mesmas, ocorridas ao longo dos anos é consequência das necessidades e hábitos de uma sociedade consumista, a qual vive em busca de novas formas de vida, e para isso, se apropria dos espaços, transformando-os de acordo com suas necessidades, fator que influencia nas reconfigurações e, consequentemente, na dimensão espacial e funcional dessas cidades.

Miguel Calmon se caracteriza como uma cidade de pequeno porte, pois, para Leão (2010), o que as define, é a sua classificação populacional em menos de cinquenta mil habitantes. Porém, para classificá-la em cidade pequena, deve se levar em consideração outros fenômenos como: função, forma, contexto regional e nível de centralidade. Nessa perspectiva, percebe-se que Miguel Calmon possuindo 26.475 habitantes, a mesma se enquadra como uma cidade de pequeno porte, onde se percebe alguns destaques nos seus aspectos, sociais, econômico e políticos no decorrer da sua história, como foi visto na pesquisa.

A presente pesquisa objetivou analisar, a espacialidade do desenvolvimento socioeconômico nos últimos dez anos na sede calmonense, uma vez que a cidade tem passado por constantes mudanças, principalmente em suas extremidades espaciais. Houve, e há um constante movimento de apropriação e produção dos espaços, em especial, nos fatores socioeconômicos e materialização das espacialidades.

Os cinco bairros pesquisados e, sobretudo, as entrevista com o poder público demonstram algumas transformações ocorridas na sede calmonense. Em todos os aspectos, tanto sociais, econômicas e espaciais, é notória a mudança.

Saneamento básico, saúde, moradia, entre outros, são relevantes na cidade, embora ainda exista algumas fragilidades, como por exemplo, o bairro José Lúcio, onde a questão do saneamento básico encontra-se deficiente. Atualmente, os programas do governo federal e estadual juntamente com a ação dos gestores locais têm possibilitado maiores acessos aos benefícios inerentes aos cidadãos, em especial os de baixa renda.

No entanto, ainda persistem algumas fragilidades nos aspectos educacionais, e econômicos. No sentido educacional, embora os dados do IBGE tenham mostrado a diminuição do analfabetismo entre os anos de 2000 e 2010, as pesquisas com os moradores revelaram que, mais da metade não concluíram o ensino fundamental. São os analfabetos funcionais, que consequentemente, terão dificuldade de se desenvolverem economicamente.

Esse fator os impossibilita de exercer trabalhos, que não seja na agricultura, nos trabalhos informais e domésticos. No que tange a economia, o comércio tem se desenvolvido, pois, o número de estabelecimentos aumentou consideravelmente nos últimos anos. Na pecuária, houve um aumento, porém na agricultura houve diminuição dos itens estudados, embora a maioria dos questionados trabalhem na agricultura. Um fator negativo, pois na atividade agrícola a renda é pouca, uma vez que essa atividade possui caráter familiar.

Com o crescimento do comércio, a geração de renda e empregos também aumentou nos últimos anos, porém, ainda existem desempregados. A economia tem crescido, mas não o suficiente para gerar os empregos necessários a toda população. Na verdade, a falta de uma boa formação educacional e qualificação profissional também atrapalham a vida dos calmonenses menos favorecidos. Muitos têm optado pelo emprego informal, fator que não é positivo, pois estes trabalhadores ficam sem a garantia dos direitos trabalhistas. Percebe-se, que há uma fragilidade em termos de potencial econômico, havendo um comprometimento da vida desses sujeitos. É interessante abordar que, esses moradores são atendidos socialmente, mas não desenvolvem autonomia financeira.

No entanto, há perspectivas futuras para o aumento do número de empregos, com a chegada de novas empresas, tais como: O Matadouro regional, a Casa dos Ventos, uma empresa estrangeira que trabalha com a produção de energia eólica, cuja sede se localiza na cidade, a presença do hospital Português de Salvador, administrando o hospital local, além de dois novos bancos: Bradesco e SICOOB.

Embora, a cidade tenha avançado na área social nos últimos anos, ainda persistem muitos problemas que afetam a vida dos moradores. A criminalidade, as drogas e a prostituição são problemas que existem, e com a evolução e crescimento da cidade, esses fatores alcançaram números altos, como relatam os moradores e o poder público.

Tais indicadores é um reflexo da desigualdade na distribuição dos recursos. Políticas públicas devem ser desenvolvidas para proporcionar uma distribuição de renda igualitária, pois, embora tenha melhorado a vida dos indivíduos, há a necessidade de um olhar crítico e disposto a buscar por mudanças maiores, mais igualitárias, diminuindo a disparidade, que existe entre a população.

Mais importante é, sobretudo, que se forneçam alternativas empregatícias aos moradores da cidade de Miguel Calmon, pois as deficiências nesse aspecto ainda persistem. O número de indivíduos que emigram, em busca de melhores condições, é significativo, fator que pode explicar a diminuição do nível populacional presenciado no censo 2010. Embora tenha havido muitas discussões a respeito desse fenômeno, explicações para esse

entendimento não foram alcançadas. Como sugestão de trabalhos futuros, faz-se necessário, tal investigação, pois a inquietação em torno desse acontecimento exige pesquisas específicas que possa explicá-lo.

Enfim, observando o percurso da pesquisa e os resultados obtidos, nota-se que nos últimos dez anos a cidade de Miguel Calmon alcançou melhorias, ainda que incipiente, em seus aspectos econômicos, sociais, e estruturais. Havendo uma reconfiguração da espacialidade e do desenvolvimento socioeconômico na sede calmonense.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês (org). **Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade..** São Paulo: contexto, 2003.

_____. ET ALL (Orgs). **A Produção do Espaço Urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. Editora Contexto. São Paulo, 2011.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CATANI, Afrânio Mendes; SANT' ANNA, Vanya (coordenação). **O que é Capitalismo.** 1ª edição 1980. Edição 21ª. Editora brasiliense. São Paulo, 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** Editora Ática. São Paulo, 1989.

_____. **A Condição Urbana:** ensaios da geopolítica da cidade. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DAMIANI, Amélia Luisa; ET ALL – (org). **O Espaço no Fim do Século:** a nova raridade. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

FANINI, Michele Asmar. **A produção estética de Baudelaire à luz da teoria da Modernidade de Walter Benjamin.** 2009. Disponível em: http://www.revistapontodoc.com/7_micheleaf.pdf. Acesso em 22 de dezembro de 2011, às 10 h e 12 min

FONSECA, Antônio Ângelo Martins; ET ALL (org). **Dinâmica da Reestruturação do Espaço Local e Regional no Estado da Bahia.** Salvador, Ba. JM gráfica e Editora LTDA, 2010, 1ª edição.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição Urbana: ensaios de geopolítica das cidades.** Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2002.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço.** 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

IBGE, **IBGE Cidades 2010**, Miguel Calmon: IBGE 2010.

JORNAL PRIMEIRA PÁGINA. Hospital torna-se referência regional. 22 de outubro de 2005. Jacobina.

LEÃO, Carlos de Souza. **Reflexões sobre o desenvolvimento e as pequenas cidades:** análise da cidade de Dracena e Ouro Verde – SP, 2010. Universidade Estadual Paulista: São Paulo.

LIMA, Renato da Silva. **Expansão Urbana e Acessibilidade** – O caso das cidades médias Brasileiras, 1998, Universidade de São Paulo Escola de Engenharia de São Carlos: Departamento de transporte: São Paulo.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades Médias e Pequenas:** teorias, conceitos e estudo de caso. Salvador, Publicação SEI, 2010.

MADEIRA, Felícia R. Nupcialidade. *In:* SANTOS, Jair L. F. ET all. **Dinâmica da População:** teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p. 159-184.

OLIVEIRA, M. Coleta F. A. de; SZMRECSÁNYI, Maria Irene de Q. F. Fecundidade. *In:* SANTOS, Jair L. F. ET all. **Dinâmica da População:** teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p.185-208.

PIRÂMIDE ETÁRIA, disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em 20 de dezembro de 2011, as 14 h e 12 min.

RENNER, Cecília H.; PATARRA, Neide L. Migrações. *In:* SANTOS, Jair L. F. ET all. **Dinâmica da População:** teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p. 236-260.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço habitado**, fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.

_____. **A natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razões e Emoções. 4º Ed.2. Reimpr- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAWYER, Diana Oya. Mortalidade. *In:* SANTOS, Jair L. F. ET all. **Dinâmica da População:** teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p. 209-235.

SILVA, Natan Fernandes. **Miguel Calmon**, 1983.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-moderna:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (org). **A Cidade e o Campo:** relações e contradições entre urbano e rural. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular , 2006.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo:Difel, 1983.

VILARONGA, Dalva; CARVALHO, Geferson. **Retrato de Miguel Calmon:** Análise geral do Município. Jacobina, Bahia: Moreira Gráfica e Editora – Gráfica Oxente, 2007.

ANEXOS

Questionário Socioeconômico

1. Qual o seu sexo?

(A) Feminino.

(B) Masculino.

2. Qual a sua idade?

(a) 18 anos.

(b) Entre 19 e 25 anos.

(c) Entre 26 e 33 anos.

(d) Entre 34 e 41 anos.

(e) Entre 42 e 49 anos.

(f) 50 anos ou mais.

3. Como você se considera:

(A) Branco (a).

(B) Pardo (a).

(C) Preto (a).

(D) Amarelo (a).

(E) Indígena.

4. Qual seu estado civil?

(A) Solteiro (a).

(B) Casado (a) / mora com um (a) companheiro (a).

(C) Separado (a) / divorciado (a) / desquitado (a).

(D) Viúvo (a).

5. Tem quantos filhos.

(a) um

(b) dois

(c) três

(d) quatro

(e) cinco ou mais

6. Como e onde é sua casa?

(Sim)

(Não)

(a). Própria.

()

()

(b). Alugada.

()

()

(c). É em rua calçada ou asfaltada.

()

()

(d). Tem água corrente na torneira.

()

()

(e). Tem eletricidade.

()

()

(f). Tem rede de esgoto

()

()

7- Existe sanitário utilizado pelos moradores

Sim () Não ()

8-O escoadouro deste banheiro ou sanitário é ligado a:

1-Rede Geral de esgoto ou Pluvial

2 – Fossas Sépticas

3 – Fossas Rudimentares

4 – Vala

5 – Rio, lago ou mar.

6 – outros Escoadouro

9- O lixo desse domicílio:

1- É coletado por serviço de limpeza

2 - É colocado em caçamba de serviço de limpeza

3 - É queimado (Na propriedade)

4 - É enterrado (Na propriedade)

5 - É jogado em terreno baldio ou logradouro

6 - É jogado em rio, lago ou mar.

7 - Tem outro destino

10 – Mora nesse município desde que nasceu?

Sim () Não ()

11. Em que você trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

(A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.

(B) Na indústria.

(C) Na construção civil.

(D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.

(E) Funcionário público do governo federal, estadual ou municipal.

(F) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.

(G) Trabalhador fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador de carros, catador de lixo etc.).

(H) Trabalha em sua casa em serviços (alfaiataria, cozinha, aulas particulares, artesanato, carpintaria, marcenaria etc).

(I) Trabalhador doméstico em casa de outras pessoas (faxineiro, cozinheiro, mordomo, motorista particular, jardineiro, vigia, acompanhante de idosos/as etc.),

(J) No lar (sem remuneração).

(K) Não trabalha.

12. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

- (A) Menos de 1 salário mínimo
- (B) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 465,00 até R\$ 930,00 inclusive).
- (C) De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00 inclusive).
- (D) De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.325,00 até R\$ 4.650,00 inclusive).
- (E) De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 4.650,00 até R\$ 13.950,00 inclusive).
- (F) De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 13.950,00 até R\$ 23.250,00 inclusive).
- (G) Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 23.250,00).
- (H) Nenhuma renda.

13. Em que tipo de escola seus filhos cursaram o ensino fundamental e médio?

- (A) Somente em escola pública.
- (B) Parte em escola pública e parte em escola particular.
- (C) Somente em escola particular.
- (D) Parte na escola indígena e parte em escola não-indígena.
- (E) Parte em escola situada em comunidade quilombola e parte em escola fora de área quilombola.
- (F) Não freqüentaram a escola.

14. Até quando você estudou?

- (A) Não estudou.
- (B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
- (C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.
- (D) Ensino médio incompleto.
- (E) Ensino médio completo.
- (F) Ensino superior incompleto.
- (G) Ensino superior completo.
- (H) Pós-graduação.
- (I) Não sei.

QUESTIONÁRIO PARA O PODER PÚBLICO

- 1) Existe um crescimento social e econômico? Que fatores contribuíram para esse crescimento?
- 2) De que forma podemos perceber esse crescimento dentro da sede desse município?
- 3) Quais os principais fatores que contribuíram para o crescimento espacial dentro da cidade?
- 4) Qual a área que mais se desenvolveu economicamente em Miguel Calmon?
- 5) Quais as consequências (positivas e negativas) causadas à cidade em virtude do crescimento espacial?
- 6) Com o desenvolvimento da cidade a vida da população melhorou (saúde, educação, moradias)?

Mapas do Plano Diretor Municipal, 2007















